

Rock 'n' roll na veia

Editorial

Há quem diga que é coisa do demônio. Outros falam em sinônimo de drogas, loucura, rebeldia. Para entender um pouco mais do rock 'n' roll e por ocasião da criação do curso sobre o tema na Unisinos, a *IHU On-Line* dessa semana debate esse gênero musical que “identifica o século XX como o Minueto identificou o século XVIII e a Valsa o século XIX” segundo constata Cristina Capparelli Gerling.

Humberto Gessinger, líder da banda Engenheiros do Hawaii (“Acho que agora rock 'n' roll é sinônimo de propaganda de refrigerantes”), Wander Wildner (“Eu assumo que sou totalmente brega”), Frank Jorge, um dos roqueiros mais conhecidos do Rio Grande do Sul, além de Antônio Marcus Alves de Souza, autor do livro *Cultura Rock e Arte de Massa*, Johnny Lorenz, que descreve a relação do rock 'n' roll com o *free writing* e *stream of consciousness*, são alguns dos entrevistados desta edição.

Para surpresa da mídia européia, o premiado documentário *O Grande Silêncio* (Die Grosse Stille) de Philip Gröning é um sucesso de público e bilheteria. No dia 23 de março, sexta-feira, o documentário será

exibido no IHU. Faustino Teixeira, professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião (PPGCIR), da Universidade Federal de Juiz de Fora, e o professor **Carlos Frederico Barboza de Souza**, professor de Cultura Religiosa na PUC-MG e doutorando em Ciência da Religião do PPGCIR/UFJF, comentam o filme neste número.

No dia 21 de março, estará conosco o Prof. Dr. Aloísio Teixeira, reitor da UFRJ. Ele exporá e debaterá as obras de **Saint-Simon**, Fourier e Owen, socialistas anteriores a Karl Marx. A conferência integra os Ciclos Repensando os Clássicos da Economia e Fundamentos Antropológicos da Economia.

A trilogia das cores de Krizstof Kieslowski, que integra a programação de Páscoa 2007 - Cultura, Arte, Esperança, prossegue com a exibição e o debate dos filmes *A Igualdade é branca*, no dia 20 de março, e *A fraternidade é vermelha*, no dia 26 de março.

A todas e todos uma ótima semana e uma excelente leitura!

Leia nesta edição

PÁGINA 01 | Editorial

A. Tema de capa

» ENTREVISTAS

PÁGINA 03 | Wander Wildner: “Quem toca minhas músicas são rádios pequenas, que não têm o rabo preso”

PÁGINA 10 | Humberto Gessinger: Rock ‘n’ roll é sinônimo de propaganda de refrigerantes

PÁGINA 13 | Johnny Lorenz: Escrita criativa e *stream of consciousness*

PÁGINA 16 | Antônio Marcus Alves de Souza: O rock e a multiplicidade de subculturas juvenis

PÁGINA 22 | Herom Vargas Silva: Maracatu, embolada, ciranda e rock, a herança musical de Chico Science

PÁGINA 26 | Cristina Capparelli: “O rock identifica o século XX, assim como o Minueto identificou o século XVIII e a Valsa o XIX”

PÁGINA 29 | Frank Jorge: O papel do músico e o estereótipo do rock mudaram

PÁGINA 35 | João Paulo Sefrin: “Antes de alunos, queremos roqueiros que sigam seus próprios caminhos”

PÁGINA 37 | Carlos Eduardo Miranda: A universidade deve incentivar a “loucura”

PÁGINA 39 | Débora Sztajnberg: Direitos autorais, jabá e música

B. Destaques da semana

» Teologia Pública: O Grande Silêncio

PÁGINA 41 | Faustino Teixeira

PÁGINA 44 | Carlos Frederico Barboza de Souza

» Livro da Semana

PÁGINA 48 | Paul VEYNE, Quand notre monde est devenu chrétien. Paris: Albin Michel, 2007

» Análise de Conjuntura

PÁGINA 51 | Destaques On-Line

PÁGINA 54 | Frases de Semana

C. IHU em Revista

» EVENTOS

PÁGINA 56 | Agenda de Semana

PÁGINA 57 | Pecado: ainda tem sentido?

PÁGINA 60 | Hans Staden: um tupinambá?

» PERFIL POPULAR

PÁGINA 62 | Adão Antônio de Carvalho

» IHU Repórter

PÁGINA 64 | Larissa Braga Lara

“Quem toca minhas músicas são rádios pequenas, que não têm o rabo preso”

ENTREVISTA COM WANDER WILDNER

“Eu não tenho que compor determinado tipo de música, e não tenho um estilo musical predeterminado”, dispara Wander Wildner, roqueiro gaúcho hoje radicado em São Paulo. Na conversa por telefone com a IHU On-Line, entre os petardos arremessados ao sistema neoliberal, ele garante que não faz músicas sob encomenda, racionalmente, mas sim com espontaneidade. Ícone do movimento roqueiro alternativo no Brasil, Wander explica que o conceito de punk brega, que se popularizou a partir de seu primeiro disco solo, Baladas Sangrentas, não o caracteriza corretamente: “Eu assumo que sou totalmente brega. O meu show e as músicas são bregas, mesmo quando são mais punks”. Por que o conceito punk brega pegou? Porque a sociedade neoliberal tem necessidade de dar nomes a tudo, alfineta. Longe do convencional, seu som não costuma receber espaço nas grandes redes de rádio, mas ele não está nem aí: “Quem toca minhas músicas são rádios pequenas, que não têm o rabo preso”.



Wanderley Luís Wildner nasceu em Venâncio Aires e, conforme seu site www.wanderwildner.com.br, tornou-se Wander desde o dia em que nasceu. Fez história no Replicantes a partir de 1984, com quem até hoje se apresenta. Em sua carreira solo lançou Baladas Sangrentas (1996), Buenos Dias (1999), Eu sou feio... mas sou bonito (2002), No ritmo da vida (coletânea, 2004), Paraquedas do Coração (2004), Acústico MTV Bandas Gaúchas (coletânea, 2005) e 10 anos bebendo vinho (coletânea, 2005). Algumas de suas pérolas musicais são Eu não consigo ser alegre o tempo inteiro, Empregada e Rodando el mundo.

IHU On-Line - O rock 'n' roll tem que ter compromisso com alguém, fazendo letras políticas, de conscientização?

Wander Wildner - Tem gente que compõe dessa forma. Eu não. Nunca sei o que vou compor, não é algo pensado. As coisas saem no violão. Mesmo que eu faça uma letra, escreva alguma coisa antes, não é pensado. É completamente intuitivo, natural. Meu processo de criação não é racional. Uma receita de composição só

existe para quem trabalha de uma forma racional, o que não é o meu caso. Há quem trabalhe assim. O Theddy Corrêa¹ escreve letras pensando no público dele, para os jovens que vão aos shows dele. O Nando Reis² escreve

¹ Thedy Corrêa: vocalista da banda gaúcha Nenhum de Nós. (Nota da IHU On-Line)

² José Fernando Gomes dos Reis: mais conhecido como Nando Reis. Cantor, violonista e compositor brasileiro. Ex-baixista da banda de rock Titãs, emplacou vários sucessos e hoje segue em carreira solo,

pensando para quem está fazendo a música, para qual cantor ele está fazendo. Essa é uma forma racional de compor. Já eu não sei nunca o que vai sair. A composição vem do nada.

IHU On-Line - E qual é o papel do roqueiro na sociedade?

Wander Wildner - Quando tu falas em sociedade, tu queres dizer a sociedade brasileira, democrática, capitalista e neoliberal, não é? Eu não faço parte dela (risos). Eu faço parte de uma sociedade alternativa, composta por pessoas que trabalham no mundo inteiro com uma outra visão, a de que devemos usar a consciência, de que devemos fazer as coisas que se tem vontade por prazer e não por dinheiro. É um outro tipo de sociedade. Nessa sociedade alternativa, tem muitos roqueiros, e eu sou um deles. Mas da outra sociedade eu não posso falar.

IHU On-Line - Tu achas que o punk continua sendo um gênero de contestação? Por quê?

Wander Wildner - Na verdade eu nunca participei de um movimento punk. Quando os *Replicantes*¹ surgiram, nós não éramos punks. Não havia ninguém punk em Porto Alegre. Isso é uma coisa que existia em São Paulo, por ser uma cidade que recebeu a influência de Londres e por ser uma cidade parecida, de operários. Nessa cidade as pessoas fizeram um movimento igual ao inglês. Mas em Porto Alegre não havia isso. Apenas ouvíamos os *Sex Pistols*² e ficamos sabendo que eles não sabiam fazer

atualmente acompanhado pela banda *Os infernais*. (Nota da *IHU On-Line*)

¹ **Replicantes**: banda de punk rock gaúcha, formada em Porto Alegre, em 1983. Em 19 de maio de 1984 aconteceu sua primeira apresentação profissional, com a seguinte formação: Wander Wildner (vocal), Cláudio Heinz (guitarra), Heron Heinz (baixo) e Cleber Andrade (bateria). (Nota da *IHU On-Line*)

² **Sex Pistols**: banda inglesa de punk rock, formada em 1975 em Londres. Teve os seguintes integrantes: Johnny Rotten (vocais), Steve

música e criaram a banda do mesmo jeito. Aí resolvemos fazer música para nos divertirmos. Só isso. Acabamos gostando de tudo isso e, como trabalhávamos com cinema, televisão, vídeo, continuamos. Os amigos que estavam à nossa volta gostavam. Depois gravamos músicas, fizemos shows, clipes, e a banda se transformou num “alien”. Mas quem vê a cena punk e a determina é a sociedade.

Outro dia, eu estava dando uma entrevista e refleti sobre isso. Como surgiu o movimento punk? Uns dizem que foi a partir dos *Sex Pistols*, em Londres, em 1977. Outros dizem que foi a partir dos *Ramones*³, em Nova Iorque, em 1974. Mas naquela época, quando aconteceu, seja um ou outro grupo, eles não se chamavam de punks. Foi a imprensa, depois de um tempo, que detectou a cena e viu que havia bastante gente fazendo aquilo e batizou o movimento de punk. Então a visão da cena é posterior. A mesma coisa aconteceu no Brasil. Depois que viram o que existia em Porto Alegre foi dito que isso era uma cena punk. Eu não tenho nada a ver com isso! O conceito é uma coisa típica dessa sociedade capitalista. Para mim, isso não vale, não vejo as coisas dessa forma. Os *Replicantes* faziam punk rock. Nós até acabamos fazendo coisas do tipo usar calça de couro preta, o cabelo arrepiado. Isso são elementos que eu assimilei daquela época, como assimilei outras coisas de outras épocas. Eu não sou um punk do movimento punk. Mas, ao mesmo tempo, eu sou punk. Porque como eu absorvi essas informações e a história do punk era “fazer a gente mesmo” com o que se tem, eu faço isso até hoje. Toda minha produção é baseada no que eu tenho. Faço um

Jones (guitarra), Paul Cook (bateria), Glen Matlock (baixo, de 75 a 77) e Sid Vicious (baixo, de 77 a 78). (Nota da *IHU On-Line*)

³ **Ramones**: banda novaiorquina de punk rock, considerada precursora do estilo, formada em 1974. Seus componentes da primeira formação eram Joey (vocais), Dee Dee (baixo), Johnny (guitarra) e Tommy (bateria). Todos assinavam o sobrenome “Ramone”. (Nota da *IHU On-Line*)

disco com as condições que eu tenho. Não adianta querer gravar em tal estúdio se não tenho condições de pagá-lo.

IHU On-Line - Desde que tu começaste a tocar, quais são as maiores diferenças que tu vês no rock brasileiro?

Wander Wildner - A maior diferença é que os grandes artistas, os que fazem parte do *show business*, têm uma produção de nível muito baixo. É muito ruim. Isso porque a maioria deles faz parte de uma máfia. É a máfia das gravadoras, das rádios e das TVs. Eu digo essa palavra porque, no momento em que tu tens que pagar para a rádio “rodar” tua música, isso é uma máfia. Não tem outra palavra. Esses artistas acham que não fazem parte da máfia. Eles vão dizer que é a gravadora quem paga o jabá¹, ou mesmo que não é um jabá, ou que é uma promoção que a gravadora pagou. Isso não existe. Esses artistas fazem parte disso, sim. Nos anos 1970 e no começo dos anos 1980, quando eu iniciei minha carreira, não tinha essa lógica. Essa é a grande mudança. E, para ficar na mídia, esses artistas fazem as músicas para a rádio. Que tipo de música é tocado na rádio? Hoje se compõe dentro desse padrão. O músico está dentro de um sistema em que a naturalidade de compor já não existe. É muita racionalidade, canções sob encomenda. Para mim, a arte é o inesperado: ela surge. Eu invento coisas no meio do show que estou fazendo. Surge a vontade de tocar uma coisa que não estava no roteiro, aparece a idéia de dizer algo que tem a ver com aquele momento, sobre aquele lugar onde estou tocando. Isso é uma coisa mais viva, mais legal do que fazer um show todo predeterminado e do que compor já regrado pelo sistema. Isso fez com que o nível musical caísse muito, e é isso que as pessoas estão ouvindo. Elas estão tendo um

¹ Jabá: pagamento que gravadoras e artistas fazem a redes de comunicação para que toquem suas músicas na programação. (Nota da IHU On-Line)

mau exemplo. A pessoa que faz uma banda toma como referência o que está ouvindo.

As rádios, por exemplo, não cumprem o dever que têm. Elas são concessões do governo. Mas hoje são vistas como empresas particulares, o que está errado. Como concessões, elas devem servir à comunidade, mas a maioria não serve à comunidade, porque toca música que não é da comunidade. Uma rádio de Porto Alegre deveria rodar músicas de Porto Alegre, principalmente. E dar as notícias locais. Pode até dar notícias do mundo e até rodar músicas do mundo, mas só depois de cumprir seu papel de documentar, registrar, reportar o que está acontecendo por aqui. Mas não é o que tem acontecido. O governo, que deveria controlar isso, não o faz. É tudo uma máfia. Minha música, por exemplo, não toca nas rádios de rede. Quem toca minhas músicas são as rádios pequenas, que não têm o rabo preso. As outras, que precisam faturar e fazer um trabalho para suas redes, não tocam meu som. E, mesmo assim, a gente consegue trabalhar! (risos) Hoje existe a internet, e a maioria da nossa divulgação e comunicação é feita via *web*.

IHU On-Line - Por falar em internet, qual é o teu ponto de vista com relação ao MP3?

Wander Wildner - Eu vendo meu CD nos shows, nas lojas. O percentual de pessoas que têm acesso à internet no Brasil ainda é muito pequeno. E baixar MP3 não significa que não se comprará o CD. Tem aqueles que compram o CD e não baixam MP3. Quem baixa música divulga meu trabalho, também compra CD e camiseta, vai aos shows. A rede existe para oferecer coisas para o público. O princípio dela não é o comércio, mas a troca. Por isso é que no meu site dá para ouvir todas músicas dos meus discos, assistir vídeos para *download*. Essa história de ter medo de que o público baixe MP3 não existe mais; é um papo muito antigo. As gravadoras ainda falam sobre isso, mas elas não são nada para nós. Não me interessa o que as gravadoras pensam, se elas estão

vendendo menos discos. Eu acho isso ótimo. Eu quero mais que elas se fodam, porque o trabalho delas é mafioso. As gravadoras e todo mundo que é ligado a essa máfia eu quero que se fodam, porque eles fazem mal à humanidade. Os artistas que participam dessa máfia estão fazendo mal à humanidade.

IHU On-Line - Qual é a maior dificuldade de se viver de rock no Brasil?

Wander Wildner - Não sei, eu não tenho nenhuma dificuldade. Eu vivo muito bem de música, faço muita coisa, trabalho bastante.

IHU On-Line - Tu vê diferença na tua música? Houve um amadurecimento?

Wander Wildner - Eu não usaria o termo diferente. Eu estou sempre evoluindo, sempre surgindo músicas novas com características que eu não tinha antes. Como eu cresci ouvindo música, essas informações ficam guardadas. Com o tempo, quem toca instrumento sente que essas informações retornam. Quando eu sento para tocar violão, os dedos começam a dedilhar e pode surgir alguma coisa *folk*, brega, punk. Isso faz com que o novo surja. Eu não estou preso a nada. Eu não tenho que compor determinado tipo de música, e não tenho um estilo musical predeterminado. Posso compor algo tradicional, regional ou eletrônico. No momento estou fazendo um disco chamado *La canción inesperada* exatamente por isso, porque cada música é inesperada, de um jeito diferente. Isso é o tempo e a vida que vão fazendo.

IHU On-Line - Poderias explicar como surgiu o conceito de punk brega? O que ele significa exatamente?

Wander Wildner - O conceito de punk brega foi um termo que eu coloquei no release do primeiro disco, o *Baladas sangrentas*. Quando eu fui divulgar o disco, uma produção independente, falei que o disco era punk brega

porque vi que as músicas tinham a característica punk que eu absorvi da época dos *Replicantes* e também características da música brega que eu ouvia antes dos *Replicantes*, quando era criança e adolescente. Mas chamar o *Baladas* de punk brega não significa dizer que eu sou punk brega, foi só aquele disco que tinha esse conceito. Isso não significa que eu estou preso a esse rótulo; foi um termo que eu usei e nem uso mais. Como a sociedade tem essa necessidade de dar nomes a tudo, conceitos, a coisa pegou. Tudo tem que estar separadinho, dividido, mas o problema é da sociedade; eu não tenho nada a ver com isso.

“Eu sou brega”

Prefiro dizer então que eu sou brega, porque aí mesmo é que ninguém vai entender mais nada. Fica uma confusão, e isso para mim é mais interessante. Vou explicar porque eu sou brega. É porque a minha influência maior é aquela das músicas que eu ouvi até os 20 anos. Até então eu escutava Jovem Guarda. A minha formação é essa, e é muito maior do que a minha formação punk. O Brasil é um país brega. A cultura brasileira, pelo menos a que eu absorvi nos anos 1960 e 1970 (depois isso foi mudando), é brega. Eu acho o brega uma coisa bacana, e penso que essa é uma característica do povo brasileiro. Na minha falta de modéstia, eu digo que sou brega, um grande brega, porque eu acho isso lindo. Não penso que o brega seja pejorativo. Eu assumo que sou totalmente brega. O meu show e as músicas são bregas, mesmo quando são mais punks. Quando as músicas são mais tranqüilas aí sim, são totalmente bregas (risos).

IHU On-Line - Como tu mesmo disseste, não estás nem aí para o *mainstream*¹. Como tu te sentes dentro da cena rock alternativa brasileira?

¹ **Mainstream**: circuito principal, cantor ou banda que faz sucesso, que é vendável, popular. (Nota da *IHU On-Line*)

Wander Wildner - Eu viajo o Brasil inteiro, toco em todos os lugares e tenho um público ótimo. Meu trabalho é apreciado em vários estados, desde o Rio Grande do Sul até Belém do Pará, Recife, Salvador, onde a cena alternativa é muito forte. Todos os anos faço pelo menos uma turnê pelo Nordeste. No ano passado, fiz dois shows em Belém e, em abril, devo estar indo para lá outra vez. Sempre viajei muito.

IHU On-Line - Como tu administras o sucesso e essa postura de ter os pés não chão?

Wander Wildner - Para mim, que venho do teatro, essa coisa de estrela não tem nada a ver. Subir no palco é contar histórias, e depois tu viras uma pessoa normal. Eu converso com todo mundo, mas também não gosto dessa história de tirar fotos, de autógrafos, porque isso é uma coisa que faz parte dessa sociedade capitalista, e isso me incomoda porque às vezes os caras se acham íntimos porque sou conhecido como músico. Estou lá fazendo um show na cidade e o cara quer fazer uma foto minha porque esse é um costume da sociedade dele. Acho isso desrespeitoso, porque na verdade as pessoas não me conhecem, conhecem minha música. E tu não saís falando com quem tu não conheces. Mas as pessoas nessa sociedade fazem isso. Se eu for conversar com alguém que eu não conheço, vou me apresentar primeiro. O que eu acho legal é alguém levar um disco ou camiseta para dedicatória. Mas essa história de bater nas costas e gritar “E aí, Wander!”, ou perguntar se eu sou o Wander, é uma falta de respeito. Para mim, que tenho 47 anos, isso é demais. Como nessa sociedade as pessoas não se respeitam mais, respeitam as outras muito menos.

E tem mais: perder o respeito por si mesmo faz com que as pessoas acabem trabalhando naquilo que não gostam. Hoje se trabalha por dinheiro, e então tem que fazer algo que não se gosta para viver, o que é deprimente. E pior: a humanidade inteira sofre com isso, porque tudo está interligado na Terra. Mas isso as pessoas não sabem, porque foram ensinadas a saber só o

que é conveniente, o que os inventores dessa sociedade querem que seja ensinado. Como artista, em convívio com todos esses tipos de pessoas, e não apenas da sociedade alternativa e a neoliberal, porque não são só essas duas que existem. Dentro do universo da sociedade alternativa existem outras várias.

IHU On-Line - Tu não gostas de tocar para multidões e te recusas a fazer um trabalho neoliberal. Tu achas que o rock autêntico tem que ser sempre alternativo? Nesse sentido, como se situa a gravação do “Acústico” na MTV?

Wander Wildner - Há 16 anos a MTV tem um espaço para a cena alternativa. Tanto é que a ideia de fazer o *Acústico Bandas Gaúchas* tem quatro bandas alternativas. Ali não tem *Papas da Língua*¹ e *Nenhum de Nós*². Eu entro por essa porta da MTV e sou respeitado. Nunca precisei fazer nada na MTV que não quisesse. Vou e toco minha música. A relação é de respeito. Mesmo sendo uma grande corporação, a MTV tem espaço para a cena alternativa, coisa que não existe na rádio *Atlântida*, por exemplo. Essa rádio até criou o programa *Berçário*, mas ali eles vão atrás das bandas que eles querem.

IHU On-Line - De que forma tu percebes a influência de festivais como o Planeta Atlântida junto ao público? Em relação ao Brasil, qual é a situação do Rio Grande do Sul em termos de festivais de música?

Wander Wildner - A cena alternativa não considera o *Planeta Atlântida*. O maior festival de música alternativa

¹ **Papas da Língua**: banda de rock gaúcha criada em 1993 pelo músico Léo Henkin (composição e guitarra), que uniu velhos conhecidos para levar o projeto adiante: Serginho Moah (vocal), Zé Natálio (baixo), Fernando Pezão (bateria) e Cau Netto (teclados). (Nota da *IHU On-Line*)

² **Nenhum de Nós**: banda de rock gaúcha, voltada atualmente para o pop-rock. Fundada em 1986, tem a seguinte formação: Thedy Corrêa (vocal), Veco Marques, Carlos Stein, Sady Mômrich (bateria) e João Vicenti. (Nota da *IHU On-Line*)

é o *Abril Pro Rock*. O *Planeta* é ligado a uma máfia, não representa a comunidade. Se essa rádio representasse a comunidade, eu estaria no *Planeta*, assim como o Vitor Ramil¹, os *Replicantes*, a *Walverdes*², o Nei Lisboa³. Mas não: o *Planeta* está ligado ao sistema social que representa, um sistema de indução de cultura. Têm festivais no Brasil inteiro. No ano passado, num festival em Belém do Pará, o primeiro independente naquele lugar, cerca de 30 bandas tocaram em três dias. Eu fechei a primeira noite, a *Cachorro Grande*⁴ fechou a segunda e o *mundo livre s/a*⁵ fechou a terceira. Tinha algumas bandas de outros estados, mas a maioria era da cena local. E o público conhecia o trabalho delas, porque lá tem uma rádio e TV educativa que só colocam a cena local. Nesse mesmo dia, estava acontecendo festivais alternativos em Recife, em Salvador e Porto Alegre. E o legal é o que os shows são marcados sem dar um telefonema, só por e-mail. Evidentemente que festivais alternativos como esses não terão o tamanho do *Planeta*,

¹ Vitor Ramil: músico, cantor, compositor e escritor brasileiro. Seu CD mais recente é *Longes* (2004). (Nota da *IHU On-Line*)

² Walverdes: banda de rock gaúcha, formada por "Mini" Bittencourt (guitarra e vocal), Marcos Rubenich (bateria) e Patrick Magalhães (baixo e vocal). (Nota da *IHU On-Line*)

³ Nei Lisboa: músico gaúcho. Entre seus CDs, destacamos: *Carecas da Jamaica* (1987) e *Translucidação* (2006). (Nota da *IHU On-Line*)

⁴ Cachorro Grande: banda de rock gaúcha, formada em 1999. É formada por Beto Bruno (vocaís), Marcelo Gross (guitarra e vocais), Gabriel "Boizinho" Azambuja (bateria), Pedro Pelotas (piano) e Rodolfo Krieger (baixo e vocais). (Nota da *IHU On-Line*)

⁵ mundo livre s/a: banda de rock formada em 1984 em Recife, Pernambuco. O nome foi retirado do personagem de TV Agente 86, que fazia diversas apologias ao mundo livre. Nasceu no bairro beira-mar de Candeias, em Recife, mesmo lugar em que foi redigido o manifesto *Caranguejos com cérebro*, marco do Movimento Mangubeat, que prega a universalização/atualização da música pernambucana. Fred Zero Quatro, vocalista do mundo livre s/a, foi o autor do manifesto, juntamente com Renato L. e Chico Science. Tem a seguinte formação: Fred Zero Quatro (vocal, cavaquinho e guitarra), Fábio Malandragem (baixo), Tony Regalia (bateria), Bactéria Maresia (teclados e guitarra) e Marcelo Pianinho (percussão). (Nota da *IHU On-Line*)

mas não é nem esse o foco. Quem vai a festival alternativo vai porque quer e não porque é induzido a ouvir músicas, como quem vai ao *Planeta*.

Baixo nível musical

O jovem de hoje está sendo muito influenciado, não tem mais opinião própria. Nas escolas se ensinam matérias que não dizem respeito à vida das pessoas. As pessoas não sabem mais acordar e escolher o que querem para aquele dia. A base da sociedade neoliberal é a sociedade capitalista, e é isso que as pessoas estão vivendo. Só que a vida é muito maior do que isso. Infinitamente maior. Essa é uma forma de vida que existe e é péssima, porque traz pobreza, burrice. Por isso que o nível da música na TV e no rádio hoje é muito baixo. As pessoas no Brasil não estão vivendo a riqueza cultural do seu país. Estão aceitando fazer coisas sem se questionar se isso é o melhor para elas. Não aprenderam a questionar.

Trabalho virou emprego

Até os intelectuais ficam discutindo apenas dentro desse sistema, não conseguem transcendê-lo. Só se pensa dentro dessa forma de governo que vivemos, que não é democrática. Dizem que isso é democracia, mas esquecem que o Tancredo⁶ foi assassinado. Esse sistema que está aí pertence àqueles que estavam do lado dele, mas não é a mesma coisa. Então dentro desse sistema, dessa mentalidade. Eu não vou discutir. Isso para mim é furado. Vou discutir novas formas de vida. Eu tento trazer novidades, letras de pessoas que não são conhecidas, que vou conhecendo pelo caminho.

⁶ Tancredo de Almeida Neves (1910-1985): político brasileiro. Foi eleito presidente do Brasil por um colégio eleitoral em 1985, mas não chegou a tomar posse no cargo. (Nota da *IHU On-Line*)

É preciso acreditar que se pode fazer o que se quer e viver disso. Eu sabia que daria certo e sabia que era um artista, que viveria fazendo arte. Não sou apenas um cantor, mas também canto. Sei representar, produzir. Existem outras formas de viver, e não só essa de acordar e ir para o trabalho, ou para o colégio. Pode se fazer o que se gosta. Pode ser difícil no começo, mas é possível. Dinheiro é só uma moeda de troca, não pode ser supervalorizado. O trabalho tem que ser bacana. Mas hoje o trabalho virou emprego. Não dá mais para se chamar de trabalho, porque isso requer prazer, e é o que menos se vê nas relações de trabalho hoje. Felicidade hoje se tornou sinônimo de ter um carro. Aí fica tudo muito pequeno.

IHU On-Line - E sobre estudar rock numa universidade, qual é teu ponto de vista?

Wander Wildner - Acho isso maravilhoso. Fiquei dez anos sem empresário, toda minha carreira solo, até um

pouco antes do *Acústico MTV*. Não tinha ninguém para produzir meus shows; eu produzia tudo. Não tinha muito produtor na cena. Parece que a juventude toda quis tocar e não produzir. Quando nós começamos a tocar, toda banda tinha um produtor. Esse produtor era um amigo da banda, e aprendia fazendo. Foi assim com *Replicantes*, *De Falla*¹, *Nenhum de Nós*, *Garotos da Rua*², *TNT*, *Engenheiros do Hawaii*³. Eu sabia produzir porque eu fazia isso nos *Replicantes*, no teatro, no cinema e na televisão.

¹ **De Falla:** banda de rock gaúcha formada em 1984. A formação atual conta com Edu K, Marcelo Fornazier, Z, Chili Willi e Alexandre Birck.

(Nota da *IHU On-Line*)

² **Garotos da Rua:** banda de rock gaúcha formada em 1983. (Nota da *IHU On-Line*)

³ **Engenheiros do Hawaii:** banda de rock gaúcha, formada em Porto Alegre em 1984. Confira nesta edição a entrevista exclusiva que Humberto Gessinger, vocalista e letrista da banda, concedeu à *IHU On-Line*. (Nota da *IHU On-Line*)

“Rock ‘n’ roll é sinônimo de propaganda de refrigerantes”

ENTREVISTA COM HUMBERTO GESSINGER

Líder da banda gaúcha Engenheiros do Hawaii, nascida na Faculdade de Arquitetura da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, 1984, Humberto Gessinger concedeu a entrevista que segue, por e-mail, com exclusividade à IHU On-Line. Questionado sobre se o rock ainda é sinônimo de rebeldia, ele dispara, auto-parodiando um de seus versos mais entoados, da canção Terra de gigantes, do álbum A revolta dos dândis: “Acho que agora rock ‘n’ roll é sinônimo de propaganda de refrigerantes”. Para ele, o Rio Grande do Sul não está carente de festivais de música, mas participar de grandes eventos é legal só de vez em quando, porque são “parecidos com rodízio de pizza”. Se ele se considera representante da cena roqueira gaúcha? “Nunca quis. Sou tímido. Na verdade não frequento nem conheço a cena local. Como nós fizemos um sucesso sem precedente para bandas gaúchas, o pessoal daqui não soube ler direito, o que criou um distanciamento maior.”



Iniciado no formato de power-trio, o Engenheiros do Hawaii tinha em sua primeira formação Humberto Gessinger (vocalis e guitarra), Carlos Maltz (bateria) e Marcelo Pitz (baixo). Tempos depois, Pitz deixa a banda e Augusto Licks assume a guitarra. Gessinger passa para o baixo. Daí em diante gravaram um sucesso atrás do outro, num total de 17 discos lançados, sendo os mais recentes Dançando no campo minado (2003) e Acústico MTV (2004), com a participação de Clara Gessinger, filha de Humberto, e Maltz, ex-EngHaw.

IHU On-Line - Fazer rock é se reinventar? Como uma banda como os *Engenheiros do Hawaii* continua atual, após 20 anos de estrada?

Humberto Gessinger - Todo mundo quer ser eterno e atemporal, mas eu acho que a única maneira de ser atual é ser datado. Interessa-me mais na arte o que é humano, os equívocos e as peculiaridades, muito mais do que uma pretensa perfeição.

IHU On-Line - Certa vez tu disseste que o nome da banda protegeria os *EngHaw* de serem encarados como "sacerdotes", porque a cena brasileira e gaúcha estava repleta de nomes heróicos: *Cavaleiros do Apocalipse, Legião Urbana, Replicantes, Titãs* etc. No entanto, vocês acabaram virando ícones da juventude. Como isso marcou a trajetória da banda?

Humberto Gessinger - *Titãs* também tinha um nome auto-irônico: "Titãs do lê-lê", mas numa certa altura optaram por matar a sutileza; é sintomático. Todo o sistema, desde a indústria até os fãs, quer heróis... mas acho que dá pra escapar deste roteiro. O caminho fica

um pouco mais longo e sinuoso, mas é possível. Adoro o tipo de fã que a gente tem. É um pessoal com muito senso crítico que sabe ler nas entrelinhas dos jornais e das canções. Talvez seja uma consequência da nossa postura.

IHU On-Line - “Longe demais das capitais” continua sendo um título de canção que expressa uma realidade: estar fora do eixo Rio-São Paulo dificulta viver de rock, ou isso mudou?

Humberto Gessinger - Mais do que estar fora do eixo Rio-São Paulo, acho que “Longe demais das capitais” fala de estar fora das igrejinhas que se formam na periferia da criação cultural, fora da onda dominante. Acho fundamental buscar esta independência. Não acho que a geografia seja muito importante hoje. O norte está em todo lugar, está digitalizado.

IHU On-Line - As músicas dos EngHaw têm uma lógica interna, auto-referências, quase hiperlinks musicais. Seriam as canções dos EngHaw obras-abertas?

Humberto Gessinger - Sempre acreditei nisso... a composição é só o início do diálogo. Mas nunca imaginei que encontraria tanta gente interessada nesse diálogo.

IHU On-Line - A revolta dos dândis é o título de um dos capítulos de *O homem revoltado*, de Camus¹. Poderias falar sobre como as tuas leituras influenciam nas letras que compões? O que tu estás lendo agora?

Humberto Gessinger - As influências literárias pintam naturalmente, não busco... mas não escondo. As influências nunca são tão diretas quanto se imagina. *Iron*

¹ Albert Camus (1913-1960): escritor, novelista, ensaísta e filósofo argelino. (Nota da *IHU On-Line*)

*Maiden*² pode te levar a fazer um tango e Piazzolla³ pode te inspirar um rap. Estou lendo *Como a picaretagem conquistou o mundo*⁴, de Francis Wheen. Vivo em aeroporto, comprei “no escuro” para ler num vôo e tô adorando... fala da saudade do Iluminismo.

IHU On-Line - No Rock n' Rio II, a *Folha de São Paulo* ignorou os EngHaw solenemente, enquanto o *New York Times* rendeu elogios ao show. Como está a relação da banda hoje com a crítica?

Humberto Gessinger - São mundos que só aparentemente se relacionam... mas nada é mais diferente de um coração do que um cardiologista.

IHU On-Line - Vocês não se consideram representantes do rock gaúcho, mas sempre valorizaram os símbolos relacionados ao nosso Estado. Estar fora do Rio Grande do Sul exacerba a identidade gaúcha?

Humberto Gessinger - Estando fora, a gauchice fica mais explícita. Quanto a representar a cena, nunca quis. Sou tímido. Na verdade não frequento nem conheço a cena local. Como fizemos um sucesso sem precedente para bandas gaúchas, o pessoal daqui não soube ler direito, o que criou um distanciamento maior. Mas tenho o maior orgulho de ser daqui, e é inevitável que isso apareça no meu trabalho.

² *Iron Maiden*: banda de heavy metal, formada em Londres, em 1975. Bruce Dickinson (vocal), Dave Murray (guitarra), Adrian Smith (guitarra), Janick Gers (guitarra), Steve Harris (baixo) e Nicko McBrain (bateria). (Nota da *IHU On-Line*)

³ Piazzolla (1921-1992): bandeonista e compositor argentino. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴ WHEEN, Francis. *Como a picaretagem conquistou o mundo*. Rio de Janeiro: RCB, 2007. (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - Rock 'n' roll ainda é sinônimo de rebeldia? Como fica essa rebeldia que é inerente a esse estilo musical frente às limitações impostas pela indústria cultural?

Humberto Gessinger - Acho que agora rock 'n' roll é sinônimo de propaganda de refrigerantes.

IHU On-Line - Como tu percebes a influência de festivais como o Planeta Atlântida junto ao público? Em relação ao Brasil, o RS está carente de festivais de música?

Humberto Gessinger - Acho que não está carente. Estes festivais são legais de fazer uma vez ou outra, mas são parecidos com rodízio de pizza. Eu acho melhor tocar só para os iniciados.

IHU On-Line - O que tu estás ouvindo agora? Quem são as boas surpresas do rock brasileiro e internacional?

Humberto Gessinger - *Pena Branca e Xavantinho*¹ tem dominado meu *iPod*...comecei a tocar viola caipira e estou fascinado. Quanto ao que está acontecendo no mundo real, lá fora, não tenho a menor idéia.

IHU On-Line - E quanto a estudar rock numa universidade, como é a proposta da Unisinos, o que tu pensas disso?

Humberto Gessinger - Na época em que eu bebia desenvolvi uma tese que resumia rock na banda *Thin Lizzy*². Era uma tese muito elegante, cheia de explicações convincentes. Não sei o que vão estudar. Eu sou um coração, não um cardiologista!!!

¹ **Pena Branca e Xavantinho**: dupla de cantores de música sertaneja do Brasil. Fizeram grande sucesso com a canção *Cio da Terra*, de Chico Buarque e Milton Nascimento. (Nota da *IHU On-Line*)

² **Thin Lizzy**: banda irlandesa de rock, formada em 1969 em Dublin pelo baixista, compositor e vocalista Phil Lynott. (Nota da *IHU On-Line*)

Escrita criativa e stream of consciousness

ENTREVISTA COM JOHNNY LORENZ

Para o norte-americano Johnny Lorenz, técnicas como o free writing (escrita livre) e stream of consciousness (fluxo de consciência) podem ser aplicadas na hora de compor letras para rock. Mesmo representando maneiras mais soltas de escrita, ele frisa que não significam liberdade total, pois se valem do uso da palavra, do conceito, sem o que é impossível criar. O free writing, por exemplo, faz com que a pessoa fique mais receptiva a diferentes influências: “Você vira um catalisador de vários estímulos e coloca-os no papel”, disse na entrevista que concedeu pessoalmente à IHU On-Line. Lorenz mencionou, também, que é importante que as pessoas se arrisquem, criem e não tenham medo de copiar deixando a sua marca, lembrando que não se “pode criar algo totalmente original”. Lorenz nasceu em Newark, Estados Unidos. É doutor em Letras pela Universidade do Texas e leciona na Montclair State University, em New Jersey. Em 2003, recebeu uma bolsa Fulbright para traduzir para o inglês a poesia de Mário Quintana. No momento, Lorenz está no Brasil realizando uma pesquisa sobre Simões Lopes Neto. Em 26-02-2007 conduziu a oficina de Experimentação textual e escrita criativa no curso de Formação de Produtores e Músicos de Rock, da Unisinos.



IHU On-Line - O que é free writing e stream of consciousness, e o que essas técnicas têm a ver com o rock 'n' roll?

Johnny Lorenz - O free writing, que significa escrita livre, é um exercício em que você escreve e tenta esquecer do raciocínio, da seqüência lógica do parágrafo, o que não é muito fácil. As pessoas estão acostumadas a pensar dentro de um sistema lógico. O free writing é uma maneira de captar os pensamentos soltos. Há quem diga que essa é uma maneira de se explorar o subconsciente. Quando eu conduzi a oficina de Experimentação textual e escrita criativa com a turma do curso de Formação de Produtores e Músicos de Rock, não estava tentando fazer isso necessariamente. Como

estávamos analisando uma música do Bob Dylan¹, “Subterranean homesick blues”, percebemos que várias idéias que aparentemente não tinham nada a ver umas com as outras foram sendo colocadas na letra da música. Expliquei para a turma que há duas coisas bem diferentes, mas que têm uma ligação entre si. A primeira delas é o free writing, quando se escreve sem traçar um argumento lógico, com liberdade. Foi bastante difícil para os alunos fazerem o exercício. Muitos não conseguiram escrever sem dar uma pausa, racionalizar. No caso da música de Dylan, não se trata exatamente de free writing, porque ela tem rima, versos, refrão, então há um outro tipo de escrita aí, chamada de stream of

¹ Bob Dylan: cantor e compositor estadunidense, dono de uma extensa discografia. Entre seus trabalhos mais recentes, destacamos: *Modern Times* (2006). (Nota da IHU On-Line)

consciousness, que em português poderia ser chamada de fluxo de consciência. Esse fluxo de idéias é uma coisa mais trabalhada; não é só escrever, mas escrever e reescrever, tentando imitar ou captar de modo mais organizado. Escritores como Faulkner¹ escrevem dessa forma, mostrando que em cinco segundos podemos ter mil pensamentos. Assim, o que eu quis mostrar para a turma do Rock é que se pode começar com o *free writing* como uma forma de ter um texto para ser usado como inspiração para compor canções, pegando umas linhas e trabalhando com elas para fazer rimas, algo mais poético. E pode-se passar para o *stream of consciousness*, elaborando as idéias.

IHU On-Line - E por que tu escolheste exatamente Dylan para esse exercício?

Johnny Lorenz - A música de Dylan não é fácil de se compreender. Há muitas gírias que hoje não são mais usadas, que fazem parte de um universo bem particular. Eu pensei em usar aquela música como inspiração e mostrar para a turma que às vezes você não tem que ter uma só mensagem, um argumento na música. A linguagem é tão forte e ampla que se você deixar as palavras terem mais liberdade, e dar oportunidade para os significados aparecerem, o resultado é mais autêntico. Funciona como a poesia. O poeta não é o dono do poema. O poema é algo que existe fora da consciência da pessoa. Se você quiser entender um poema de Shakespeare² ou de Drummond³, você não tem que falar

¹ William Cuthbert Faulkner (1887-1962): considerado um dos maiores escritores norte-americanos do século XX. Em 1949 foi agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura. (Nota da *IHU On-Line*)

² William Shakespeare (1564-1616): dramaturgo inglês. Considerado por muitos como o mais importante dos escritores de língua inglesa de todos os tempos. Como dramaturgo, escreveu não só algumas das mais marcantes tragédias da cultura ocidental, mas também algumas comédias, 154 sonetos e vários poemas de maior dimensão. (Nota da *IHU On-Line*)

com a pessoa para entendê-lo. O autor pode estar até morto, mas o poema sobrevive e fala muitas coisas. Por isso, você pode entender várias coisas que o próprio autor não pensou em dizer. Mas eu gostaria de destacar que quando um cantor ou poeta canta ou escreve ele não está falando de si próprio. Não são sempre experiências pessoais que estão presentes na arte. Podem ser ficções. Infelizmente, as pessoas acham que o eu fictício é um eu verdadeiro. Resumindo, eu tentei dizer à turma do Rock que a música não precisa ser uma maneira de se expressar pessoalmente, como um poema não tem que dizer aquilo que está dentro da pessoa.

Não há nada original

O desafio dos alunos do curso era “responder” àquela música de Dylan, e assim entendemos que a música é um tipo de comunidade. Como qualquer poema, ela não existe na solidão. Qualquer poema é uma resposta a outro poema. Se você já leu poesia, tem as palavras na memória, como referenciais. Assim, qualquer coisa que você escreva é uma resposta. Isso é originalidade. Você não pode criar algo totalmente original; as coisas sempre têm algo de “roubadas”. Pensando assim, temos uma certa liberdade, porque, muitas vezes, as pessoas acham que para criar, fazer arte, é preciso uma autenticidade completa, o que acaba atrapalhando a pessoa. Muitos chegam a desistir, achando que não há mais nada para ser dito. Eu acho muito mais produtivo, e mais feliz, simplesmente responder, e assim fazer algo diferente, original.

Para uma pessoa jovem, que quer começar, eu diria que imitar também tem o seu valor.

³ Carlos Drummond de Andrade (1902-1987): poeta brasileiro, nascido em Minas Gerais. Além de poesia, produziu livros infantis, contos e crônicas. (Nota da *IHU On-Line*)

Na aula do curso de Rock, além da música do Dylan, analisamos uma música do *Pixies*¹, “Monkey gone to heaven”. Provoquei os alunos perguntando se essa canção lembrava o *Nirvana*². E, realmente, a sonoridade é muito semelhante. O próprio Kurt Cobain³ disse que queria escrever algo bem do tipo do *Pixies* e então criou “Smells like teen spirit”. E todos acharam essa canção sensacional, diferente, crua, nua, violenta, poderosa. Isso é originalidade, é roubar à sua maneira. Um poeta afirmou, certa vez, que um bom poeta tira dos outros poetas - e um grande poeta rouba. E admitamos que hoje tudo é reinventado. Quando eu ouço as músicas que estão tocando agora, parece que já reconheço tudo. Se tu conheces *Velvet Underground*⁴, já ouviste todas as músicas alternativas de rock. O *indie* rock, por exemplo, começa com o *Velvet* e, pelo jeito, ainda não conseguiu se “livrar” dele. Isso talvez seja uma marca do mundo pós-moderno.

IHU On-Line - Há uma relação do *free writing* com a contracultura dos anos 1960?

Johnny Lorenz - O *free writing* tem muito a ver com a comunidade dos poetas dos anos 1960, dos *beats*, como

¹ *Pixies*: banda americana de rock alternativo, formada em 1986, e composta por Black Francis, ou Frank Black (vocal e segunda guitarra), Joey Santiago (primeira guitarra), Kim Deal (baixo e vocal) e David Lovering (bateria). Um de seus álbuns mais conhecidos é *Doolittle* (1989). (Nota da *IHU On-Line*)

² *Nirvana*: banda americana de grunge, originalmente formada por Kurt Cobain (vocal e guitarra), Krist Novoselic (baixo) e Dave Grohl (bateria). Gravou álbuns que viraram clássicos, como *Bleach* e *Nevermind*, entre outros. (Nota da *IHU On-Line*)

³ **Kurt Donald Cobain** (1967-1994): vocalista, guitarrista e letrista do Nirvana. Em 1994, suicidou-se com um tiro. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴ **The Velvet Underground**: banda americana de rock, criada no final dos anos 1960, formada por Lou Reed (voz e guitarra), Sterling Morrison (guitarra), John Cale (baixo), Nico (voz) e Maureen Tucker (bateria). (Nota da *IHU On-Line*)

Allen Ginsberg⁵, que era uma fonte de arte e literatura importante, exatamente quando Dylan estreava na música. Assim, fiz uma ligação entre a canção de Dylan e o *free writing*. Basta olhar o clipe de Dylan de “Subterranean homesick blues”, quando ele fica jogando para trás as placas cheias de palavras, para ver Ginsberg em um beco, atrás, observando a cena. Nessa época, Ginsberg estava usando muitas drogas, buscando outros modos de existência, estudando o zen budismo e tentando escrever com métodos diferentes. Não estou dizendo que Dylan fez isso, mas essas influências estavam no ar. A música de Dylan tem mais a ver com *stream of consciousness*, no meu ponto de vista, do que com *free writing*. O *free writing* foi uma forma de iniciar a discussão com os alunos de Rock. Essa técnica é uma maneira de ficar receptivo a essas influências diferentes. Você vira um catalisador de vários estímulos e coloca-os no papel. *Free writing* é uma tentativa de escapar das estruturas. Mas é importante lembrar que, mesmo assim, usamos a palavra, que é um aprisionamento do qual não podemos escapar para estabelecermos a comunicação, se não seria dizer o indizível. A palavra vem com uma teia de associações, e é impossível escapar disso. Assim, *free writing* e *stream of consciousness* não significam liberdade total de criação.

⁵ **Irwin Allen Ginsberg** (1926-1997): poeta norte-americano da geração beat, conhecido pelo livro de poesia intitulado *Howl* (1956). (Nota da *IHU On-Line*)

O rock e a multiplicidade de subculturas juvenis

ENTREVISTA COM ANTÔNIO MARCUS ALVES DE SOUZA

Para o pesquisador Antônio Marcus Alves de Souza, o rock 'n' roll como estilo “perdeu espaço e força para o techno e para a multiplicidade de subculturas juvenis. Mas isso pode ser cíclico, pois a cada período a lógica da indústria cultural tende a um reposicionamento das culturas”. Entretanto, pondera, “ao mesmo tempo em que o rock perdeu visibilidade, força no meio da urbanidade juvenil, também se especializou com uma maior segmentação do público, com a criação de um jornalismo de estilo próprio, uma crítica especializada, lojas próprias”. Outro aspecto observado por Souza é que cresce o número de bandas que dialogam com a cultura popular, “recuperando e re-significando algum traço dessa tradição”. Assim, a cena rock mudou bastante, e exemplos disso são o movimento mangubeat, de Recife, e as novas bandas surgidas em Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul. A respeito do recém-criado curso de Formação de Produtores e Músicos de Rock da Unisinos, ressalta que a iniciativa demonstra que o “rock é objeto legítimo de estudo acadêmico”. Essas e outras afirmações podem ser conferidas na entrevista que segue, concedida por e-mail à IHU On-Line.

Graduado em Comunicação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Souza é mestre em Comunicação Social pela Universidade de Brasília (UNB) com a dissertação Arte de Massa - crítica social e divertimento no rock brasileiro dos anos 80. É doutor em Sociologia também pela UNB. Escreveu Cultura Rock e Arte de Massa. Rio de Janeiro: Diadorim, 1995; Arte de massa une crítica e divertimento. Brasília: Universa, 2001; Cultura no Mercosul: uma política do discurso. Brasília: Plano/Fundação Astrojildo Pereira, 2004 e Poder Local: O desafio da Democracia. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira, 2004.

IHU On-Line - O rock brasileiro dos anos 1980 é uma arte de massa? Por quê?

Antônio Marcus Alves de Souza - Cheguei ao conceito de arte de massa durante minha pesquisa para o mestrado na UNB. À época estava estudando a questão da cultura rock no Brasil, com um enfoque centrado na criação de bandas como *Legião Urbana*, *Titãs*, *Paralamas do Sucesso*. Já tinha feito um trabalho anterior, ainda na



graduação na UFPB, envolvendo a visão de modernidade desenvolvida pela *Legião* na música “Faroeste Caboclo”. Perceba: era uma coisa de jovem. Eu queria estudar algo que falasse a minha linguagem, que me mostrasse os fenômenos culturais da minha própria época. A partir do estudo de “Faroeste”, fui identificando outras faces dessa cultura. Novas possibilidades de criação, de produção e de entendimento para os diversos estilos do

rock. Comecei então a vislumbrar o rock como um campo cultural e uma área de estudo. A cultura rock seria um fenômeno que merecia nossa atenção e eu passei a ter problemas de ordem teórica de como entender esse fenômeno. Eu não queria interpretá-lo apenas como um dado da indústria cultural, diagnosticada pela Escola de Frankfurt. Achava que isso poderia reduzir a força simbólica dessa cultura e meu próprio alcance interpretativo. Não esqueça o contexto dessa época. O Brasil estava saindo de uma ditadura militar e ainda estávamos aprendendo o convívio com os processos democráticos. Ao mesmo tempo, vivíamos uma época de chegada, de descoberta, de muitos novos conceitos, sobretudo, os ligados aos Estudos Culturais: multiculturalismo, a relação entre modernidade/pós-modernidade. A Universidade estava sobre o impacto de tudo isso e eu vinha de um curso intenso e bastante forte sobre a Escola de Frankfurt, desenvolvido pela socióloga Lourdes Bandeira. Era um garoto de 20 anos que lia Habermas¹, Adorno², Horkheimer³, Benjamin⁴, Marcuse⁵ e

¹ Jürgen Habermas (1929): filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. Herdando as discussões da Escola de Frankfurt, Habermas aponta a ação comunicativa como superação da razão iluminista transformada num novo mito que encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Para ele, o logos deve contruir-se pela troca de idéias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos estabelecendo o diálogo. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. (Nota da IHU On-Line)

² Theodor Wiesengrund Adorno (1903-1969): sociólogo, filósofo, musicólogo e compositor, definiu o perfil do pensamento alemão das últimas décadas. Adorno ficou conhecido no mundo intelectual, em todos os países, em especial pelo seu clássico *Dialética do Iluminismo*, escrito junto com Max Horkheimer, primeiro diretor do Instituto de Pesquisa Social, que deu origem ao movimento de idéias em filosofia e sociologia que conhecemos hoje como Escola de Frankfurt (Nota da IHU On-Line)

³ Max Horkheimer (1895-1973): filósofo e sociólogo alemão, conhecido especialmente como fundador e principal pensador da Escola de Frankfurt e da teoria crítica. (Nota da IHU On-Line)

⁴ Walter Benjamin (1892-1940): filósofo alemão crítico das técnicas de reprodução em massa da obra de arte. Foi refugiado judeu alemão e diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o

cruzava um monte de informações do Instituto de Pesquisa alemão com as cenas de nossa própria cultura. Imaginava contradições, conflitos e recusava a entender o fenômeno rock apenas como simples criação da indústria cultural. Então, já no ambiente do Mestrado da UnB, fui combinando um conjunto de conhecimentos dos cursos de estética da professora Clara Alvim⁶ - na comunicação -, de análise de sistemas simbólicos na antropologia com Jorge Carvalho⁷, de metodologia da comunicação com o professor José Luiz⁸, que hoje está aí na Unisinos.

Ambigüidades do rock

Fiz então uma leitura concentrada da obra de Benjamin, que sempre me pareceu um pensador sofrido e, ao mesmo tempo, muito arejado. Muito esperançoso de que o problema da reprodução técnica da obra de arte não nos conduzisse apenas à barbárie, Benjamin era muito lido na Comunicação, mas meus colegas e professores viam mais a questão da reprodutibilidade técnica. Percebi uma espécie de esquecimento dessa

suicídio. Um dos principais pensadores da Escola de Frankfurt. (Nota da IHU On-Line)

⁵ Herbert Marcuse (1898-1979): sociólogo alemão naturalizado norte-americano, membro da Escola de Frankfurt. Estudou Filosofia em Berlim e Freiburg, onde conheceu os filósofos e professores de filosofia Husserl e Heidegger e se doutorou com a tese *Romance de artista*. Algumas de suas obras: *Razão e Revolução*, *Eros e Civilização*, *O Homem Unidimensional*. (Nota da IHU On-Line)

⁶ Clara Alvim: ex-professora na Faculdade de Comunicação da UnB. (Nota da IHU On-Line)

⁷ José Jorge de Carvalho: professor do Departamento de Antropologia da UNB. É um dos idealizadores da Proposta do Sistema de Cotas da UNB. (Nota da IHU On-Line)

⁸ José Luiz Braga: professor e pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unisinos desde 1999. Graduado em Direito, com especialização em Ciências Políticas, é mestre em educação e doutor em Comunicação. Foi professor no Departamento de Comunicação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e da Universidade de Brasília (UnB), tendo sido, nesta última, diretor da Faculdade de Comunicação. (Nota da IHU On-Line)

“categoria” de análise estética - arte de massa - sobre a reprodução técnica da arte. A partir do conceito de arte de massa fui tentando entender as ambigüidades, os conflitos e as intermediações simbólicas que a cultura rock estava sugerindo naquela época. Acabei fazendo de certa forma uma atualização do conceito de arte de massa como forma de compreender a dinâmica de uma cultura que, mesmo agindo no ambiente da indústria cultural, mobilizava lances de crítica social, de denúncia e procurava alguma valorização da liberdade, da democracia, da criatividade para o indivíduo.

***IHU On-Line* - Como a crítica social e o divertimento se entrelaçam no rock daquela época?**

Antônio Marcus Alves de Souza - Lembro que, quando defendi *Cultura rock e arte de massa*, a Clara Alvim chegou a dizer era um trabalho em defesa da minha própria geração, assim como os roqueiros com os quais eu falava realizam essa defesa geracional na própria cena rock. O que eu queria mesmo era constatar que a década de 1980, com a efervescência do rock, estava mobilizando elementos criativos e de denúncia de certas opressões com versos simples, com baladas desconcertadas, sem saber cantar um canto nobre. A crítica e o divertimento vão aparecer aí com muitas variações que podem ir desde a relação dos músicos com a indústria e com o sistema televisivo; passa pelas letras, pelos temas e pelos modos de apresentá-los. O *De Falla*, a *Legião*, o *Último Número*, os *Titãs* e os *Paralamas* fizeram isso. São exemplos dos quais eu retirava fragmentos para mostrar a força do conceito de arte de massa, que deveria ser vista como uma categoria de análise estética, como eram as próprias noções de cultura de massa, cultura popular, indústria cultural e outras variantes.

***IHU On-Line* - E hoje qual é a situação do rock brasileiro? Crítica social e divertimento continuam**

presentes? Há uma preponderância de um aspecto sobre o outro ou há um equilíbrio?

Antônio Marcus Alves de Souza - Penso a arte de massa como um conceito dinâmico, dialético, que pode nos ajudar a entender um conjunto de manifestações culturais. Mas também temos que tomar cuidado para não pegarmos certas idéias ou categorias e a partir delas sairmos a campo para encaixar as “palavras e as coisas”, como se os fenômenos culturais e sociais fossem sempre iguais. Cada período histórico, cada manifestação cultural concreta, pode dialogar com a idéia do exercício de uma crítica social e manter algum vislumbre de divertimento, de festa. Mas caberá ao intérprete dessa cena identificar quais as categorias de análise são mais pertinentes frente ao seu próprio objeto de estudo. Veja: eu cheguei ao conceito de arte de massa porque entendi que o conceito de indústria cultural estava esgotado enquanto uma categoria analítica. As pesquisas nas áreas de comunicação e de uma nova sociologia que emergiu nos últimos anos têm nos mostrado a necessidade de tomarmos cuidado com essas cristalizações analíticas. Veja o Canclini¹ com suas pesquisas sobre culturas híbridas ou Martín-Barbero² com a idéia das intermediações. Agora mesmo estou atento ao trabalho de José Luiz Braga sobre como a sociedade pode estar exercendo a crítica da mídia. É possível que estes novos estudos nos mostrem certos refinamentos ou mesmo atualizações de categorias e análises antigas. Também podem sugerir um novo olhar para tudo isso. Penso que o campo das ciências humanas e sociais está aberto e sendo muito criativo para análises de novos fenômenos. E cabe às pesquisas concretas mostrarem qual a força dos conceitos, qual o grau de preponderância do aspecto da

¹ Nestor Canclini: sociólogo argentino, autor de, entre outros *A produção simbólica: teoria e metodologia em sociologia da arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. (Nota da *IHU On-Line*)

² Jesús Martín-Barbero (1937-1963): teórico colombiano, pesquisador da Comunicação e Cultura e um dos expoentes nos Estudos Culturais contemporâneos. (Nota da *IHU On-Line*)

crítica e do divertimento. Eu sempre os pensei como fenômenos interligados.

IHU On-Line - A cena do rock brasileiro mudou muito de 1980 para cá? Quais seriam as principais diferenças?

Antônio Marcus Alves de Souza - É preciso olhar a cena rock atual com essa perspectiva de abertura, com o esforço de criação interpretativa. Cabe aos novos estudos a tarefa de mostrar, a partir de uma tipologia dos estilos, das manifestações da cultura, o grau de presença da crítica social, o grau de experimentação da festa e do divertimento. Ou mesmo a presença de alguma apatia ou alienação - se bem que a categoria da alienação está um pouco em baixa.

Uma situação muito freqüente é que a cena rock está tentando algum contato com a tradição popular. É crescente o número de bandas que mantêm um diálogo com a cultura popular, recuperando e re-significando algum traço dessa tradição. Penso que a cena rock mudou bastante. Tivemos o movimento *manguebeat*¹, novas bandas em Minas, São Paulo e Rio Grande do Sul. Vivemos um certo deslocamento da cena com a ascensão de Pernambuco como “um lugar” de novas experimentações. Tivemos releituras dos anos 1980 por

¹ **Manguebeat**: movimento musical surgido no Brasil na década de 1990, em Recife, que mistura ritmos regionais com rock, hip hop e música eletrônica. Esse estilo tem como ícone o músico Chico Science, vocalista da banda *Chico Science e Nação Zumbi*, idealizador do rótulo mangue e principal divulgador das idéias, ritmos e contestações do Manguebeat. Outro grande responsável pelo crescimento desse movimento foi Fred 04, vocalista da banda *munDO livre s/a* e autor do primeiro manifesto do Mangue de 1992, intitulado *Caranguejos com cérebro*. O objetivo do movimento surgiu de uma metáfora idealizada por Zero Quatro, ao trabalhar em vídeos ecológicos. Como o mangue era o ecossistema biologicamente mais rico do planeta, o Manguebeat precisava formar uma cena musical tão rica e diversificada como os manguezais. Devido a principal bandeira do mangue ser a diversidade, a agitação na música contaminou outras formas de expressão culturais como o cinema, a moda e as artes plásticas. (Nota da *IHU On-Line*)

meio da onda do “Acústico”. Ao mesmo tempo, o rock perdeu espaço e força para o *techno* e variações culturais que extrapolaram a aquilo que chamava de “cultura rock”. A cena cultural dos últimos anos foi nos levando para uma multiplicidade de estilos e culturas que colocou o rock em um lugar mais preciso, mais segmentado talvez. Quero dizer que hoje a cultura jovem, por exemplo, tem a presença do rock e também de outras subculturas.

IHU On-Line - A Legião Urbana ocupou um lugar importante no rock nacional. Qual seria o principal legado desse grupo?

Antônio Marcus Alves de Souza - A *Legião* me parece um fenômeno que de algum modo vai ter um lugar especial na história do rock brasileiro. Não é uma banda que sofreu muito desgaste, apesar da grande tendência de uso do mito de Renato Russo², em torno do qual ainda teremos polêmicas quando às heranças musicais. Mas isso é próprio da cultura rock e talvez a *Legião Urbana* tenha sido uma banda que incorporou de um modo muito forte essa tendência do rock. Muita coisa que se faz em torno do nome da *Legião* e do Renato atrai grande interesse das massas ainda hoje. A exposição que a irmã dele montou, há uns anos atrás, no Centro Cultural do Banco do Brasil, foi muito freqüentada. Agora há também esse espetáculo de teatro recentemente montado. Além disso, está sendo montado o Memorial Renato Russo, e a família, junto com alguns amigos, trabalha para tentar resgatar, preservar e renovar os elementos criativos do artista. Tem muita coisa verdadeira, criativa e honesta que gira em torno da banda e do Renato, mas também tem muita especulação e as pessoas se repetem muito quando vão falar dele.

² **Renato Manfredini Júnior** (1960-1996): conhecido como Renato Russo. Cantor, compositor e baixista da banda brasileira Legião Urbana. (Nota da *IHU On-Line*)

Acho que tem muita coisa ainda não dita sobre a vida e a criação do Renato Russo e da *Legião* que somente alguns poucos amigos e a família podem dizer. Lembro que Vladimir Carvalho¹ tem coisas lindas, filmagens belas, que ainda estão sendo trabalhadas, sobre a *Legião* e as bandas de Brasília em seu início. Cheguei a iniciar um processo de identificação e reconhecimento dessas imagens, mas o Vladimir estava muito ocupado com as filmagens do documentário sobre José Lins do Rego². Eu também estava concentrado no meu doutorado. Não sei se vamos voltar a fazer esse trabalho porque acabei mudando de Brasília, mas vejo que as heranças em torno da *Legião* são múltiplas.

IHU On-Line - Como tu entendes o papel do roqueiro na sociedade? É possível conciliar a rebeldia, que está na gênese do rock, com as limitações impostas pela indústria cultural?

Antônio Marcus Alves de Souza - Quando estudava a cultura pop/rock esse tema sempre aparecia. Muitos roqueiros às vezes se indignavam com o tema ou gostavam mesmo. Lembro de uma entrevista do Renato Russo em que ele dizia para os jovens que se eles quisessem mudar o mundo, a sociedade, deveriam entrar para um partido político. Foi muito comum na cultura pop/rock dos anos 1980 esse dualismo dos roqueiros, que ora apareciam na mídia como uma “gente que não deve ser levada a sério” - digamos assim -, ora passam a discutir, a pensar questões importantes, como democracia, liberdade, sexualidade, opressão. O rock ajuda a renovar, a cada período, essa tradição de construção de um lugar crítico de onde o artista às vezes sonha com um mundo diferente. Penso que cada geração

¹ Vladimir Carvalho: cineasta e documentarista brasileiro. Junto com Glauber Rocha integrou o movimento *Cinema Novo*. (Nota da *IHU On-Line*)

² José Lins do Rego Cavalcanti (1901-1957): escritor brasileiro, autor de, entre outros *Riacho doce*. (Nota da *IHU On-Line*)

pode “inventar” esse seu papel, mas acho que no Brasil ainda estamos muito marcados por uma certa herança modernista, cuja atitude implica a manutenção de uma postura de compromisso social sem que seja inviabilizada a perspectiva criativa do ponto de vista da estética. Esse processo é intenso e dinâmico e suas contradições - principalmente quando o vislumbramos no ambiente da indústria cultural - podem ser compreendidas, talvez, por um conceito como arte de massa, que vai operar exatamente com as contradições, com os silêncios, os gritos e com o conflito. Uma vez uma das meninas da banda *Mercenárias*³, questionada porque estava cantando em tom mais suave, disse mais ou menos isso: “é porque às vezes a gente gritava e ninguém escutava, então a gente está cantando mais baixo”. Ela estava nos falando dessas estratégias, do modo como cada grupo de roqueiro ou artista pode construir um diálogo público, uma “arte interessada” para recuperarmos Mário de Andrade⁴.

IHU On-Line - Em relação aos outros estilos musicais que ganharam espaço nos últimos anos, como funk, hip-hop, dance, o rock perdeu espaço?

Antônio Marcus Alves de Souza - Como estilo, penso que o rock perdeu terreno com a multiplicidade de subculturas juvenis. Mas isso pode ser cíclico, quer dizer, a cada período a lógica da indústria cultural tende a um reposicionamento das culturas. Ao mesmo tempo em que

³ *Mercenárias*: banda punk brasileira, criada em 1984 com a seguinte formação: Rosália Munhoz (voz), Ana Machado (guitarra), Sandra Dee (baixo) e Lou (bateria). Na primeira formação o guitarrista Edgard Scandurra participava tocando bateria, mas deixou o grupo no ano seguinte para dedicar-se exclusivamente ao IRA!. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴ Mário Raul de Moraes Andrade (1893-1945): poeta, romancista, crítico de arte, folclorista, musicólogo e ensaísta brasileiro. Seu segundo livro, *Paulicéia desvairada*, colocou-o entre os pioneiros do movimento modernista no Brasil, culminando, em 1922, como uma das figuras mais proeminentes da *Semana da Arte Moderna*. (Nota da *IHU On-Line*)

o rock perdeu visibilidade, força no meio da urbanidade juvenil, também se especializou com uma maior segmentação do público, com a criação de um jornalismo de estilo próprio, de uma crítica especializada, de lojas próprias. Então a qualquer momento essa cultura pode irromper como uma “onda” forte.

IHU On-Line - E quanto a estudar rock em uma universidade, como tu vê essa iniciativa da Unisinos?

Antônio Marcus Alves de Souza - A iniciativa é muito interessante e mostra que o rock é um objeto legítimo de estudo acadêmico. É uma cultura que possui uma dinâmica, uma linguagem própria. Constitui uma economia, ligada ao entretenimento, e tem uma simbólica que merece ser estudada e pesquisada pela Universidade. Desde o lançamento de *Cultura rock e arte de massa*, o cenário da cultura e da Universidade

mudou muito. A Unisinos, quando enfoca essa cultura como objeto de estudo e ensino, está nos indicando uma aproximação com a realidade da cultura urbana juvenil e vejo que o ambiente universitário também se renova com isso. Às vezes, me sentia muito solitário quando escrevia esse livro que citei e hoje vejo que há muitas coisas que não daria conta de explicar sozinho. Acho que levantei problemas, de ordem teórica e da crítica, que precisam ser revistos por mais gente. A própria cultura rock para ser entendida carrega essa necessidade de uma ordem diversa de saberes, de área de conhecimento interdisciplinar. Um curso como o que vocês criaram pode melhorar o entendimento, a produção e mesmo a continuidade dessa cultura. Mas fico muito atento para a gente não funcionalizar demais o rock quando está estudando-o.

Maracatu, embolada, ciranda e rock: a herança musical de

Chico Science

ENTREVISTA COM HEROM VARGAS SILVA

Para o historiador Herom Vargas Silva, depois de Chico Science (1966-1997), o rock “brazuca” tem “que olhar mais de perto para a música feita por aqui e saber utilizar o imenso manancial de ritmos e sonoridades que temos à nossa disposição”. E ressalta: “O que não dá mais para ouvir é grupo de rock nacional fazendo uma música parecida com o que se ouve por aí. Falta experimentação hoje em dia”. No seu entendimento, “nenhum grupo havia conseguido uma junção tão inovadora de elementos do maracatu, da embolada e da ciranda com aqueles vindos do rock e do rap”. Chico Science, líder da banda Chico Science & Nação Zumbi, foi um dos principais cantores e compositores de Recife, ligado ao movimento Manguebeat. Deixou dois discos gravados, Da lama ao caos e Afrociberdelia, e teve sua carreira precocemente abortada por um acidente de carro.

Herom é graduado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), mestre e doutor em Comunicação e Semiótica pela mesma instituição. Sua tese intitulou-se Chico Science & Nação Zumbi: um estudo sobre o hibridismo e as relações entre música popular, mídia e cultura. O trabalho está para ser publicado pela Ateliê Editorial em abril deste ano sob o título Hibridismos musicais de Chico Science & Nação Zumbi. Organizou a obra Jornalismo da Metodista: trinta anos em muitas vozes. São Bernardo do Campo: UMESP, 2002. Atualmente, leciona na Universidade Municipal de São Caetano do Sul, e foi por e-mail que concedeu a entrevista a seguir.

IHU On-Line - Quais foram as conclusões a que chegou com *Chico Science & Nação Zumbi*: um estudo sobre o hibridismo e as relações entre música popular, mídia e cultura? Como o universo cultural popular de Recife dá forma e se apresenta nas canções do grupo?

Herom Vargas Silva - A principal contribuição que a tese traz é descrever e explicar os aspectos criativos das canções do grupo *Chico Science & Nação Zumbi* (focando os dois primeiros discos), sobretudo em relação às misturas que fizeram entre as tradições musicais

pernambucanas e as músicas modernas. Nenhum grupo havia conseguido uma junção tão inovadora de elementos do maracatu, da embolada e da ciranda com aqueles vindos do rock e do rap. Alguns já haviam tentado, como Alceu Valença¹, Lenine¹ e Zé Ramalho², por exemplo, mas nenhum com a força e as inovações de Science.

¹ Alceu Valença: cantor e compositor brasileiro. De seus discos, destacamos *Estação da Luz* (1985). (Nota da *IHU On-Line*)

Esse universo das canções tradicionais aparece no trabalho de CSNZ nos instrumentos (as alfaias do maracatu, o gonguê etc.), nos ritmos (ciranda, maracatu nação, maracatu rural), nas formas de canto que imitam a embolada, nas citações a personagens, cenas e espaços de Recife (Galeguinho do Coque, feiras, ruas etc.) e no uso da peculiar prosódia pernambucana no canto.

IHU On-Line - Chico Science virou um artista mito tanto por sua morte precoce e violenta quanto por seu talento inegável. Qual é a maior contribuição dele para a música brasileira?

Herom Vargas Silva - Acho que o principal legado foi a idéia de juntar a força rítmica das alfaias do maracatu com a cadência do rap e a distorção das guitarras do rock. No geral, sua marca está na criatividade e na inovação. Tanto que deixou esse rastro na produção musical recifense até hoje. Não há grupo que não cite Science como influência. Ele levantou uma bandeira muito forte e bonita para que outros grupos colocassem o pé na estrada e levassem sua música para toda a cidade, todo o país e até para o exterior.

IHU On-Line - Como a sonoridade de Chico Science & Nação Zumbi se relaciona com o rock? Você poderia comentar sobre as diferentes sonoridades mescladas pelo grupo?

Herom Vargas Silva - Uma das características do rock é o “peso” das guitarras e do baixo, ou seja, um som que tem a ver com uma estética “suja”. Os tambores do maracatu nação (forma urbana do maracatu pernambucano) têm também uma pujança sonora e um forte suingue. Desses elementos em comum, o grupo

¹ Lenine: cantor, compositor, arranjador e músico brasileiro. De seus discos, destacamos *Falange canibal* (2002). (Nota da *IHU On-Line*)

² Zé Ramalho: cantor e compositor brasileiro. De seus discos, destacamos *Nação nordestina* (2000). (Nota da *IHU On-Line*)

tirou uma das misturas. Outra coisa importante foi juntar as cadências vocais do rap e da embolada, cantos rítmicos por suas próprias naturezas. Outra é o uso da ciranda, forma musical e coreográfica típica do litoral nordestino, numa canção de amor.

IHU On-Line - E qual é a origem do nome da banda?

Herom Vargas Silva - O Science de Chico tem a ver com sua propensão à experimentação musical, como um cientista da canção e da poesia (lembramos que ele e curtiava muito *hip hop*, *break* e rap). Nação Zumbi tem, basicamente, três referências: 1) Há uma relação com os maracatus. Todas as agremiações de maracatu nação levam essa palavra antes do nome. Por exemplo: Maracatu Nação Leão Coroado. A nação é não somente o tipo de maracatu, como também o grupo em si dentro de sua respectiva comunidade; 2) Nação Zumbi vem também do nome do grupo do rapper África Bambaata³, Zulu Nation, numa clara referência a um dos importantes artistas do rap; e 3) Zumbi é o nome do líder do Quilombo dos Palmares⁴, símbolo de resistência dos escravos no Brasil.

IHU On-Line - Como essa banda se inseriu no contexto musical brasileiro da época? Como crítica e público reagiram?

Herom Vargas Silva - O início de tudo foi em bares do Recife, junto com o grupo *mundo livre s/a*. Quando começaram a ficar conhecidos e chamaram a atenção da imprensa local, alguns jornalistas do Sudeste também ouviram falar. Daí vieram uma matéria na revista *Bizz*, assinada por José Teles, um crítico de música do *Jornal*

³ África Bambaata: reconhecido como fundador oficial do hip hop. De sua discografia, destacamos *The Decade of Darkness 1990-2000* (1991). (Nota da *IHU On-Line*)

⁴ Quilombo dos Palmares: quilombo formado no período colonial, localizado na Serra da Barriga, região hoje pertencente ao estado de Alagoas. É até hoje um símbolo da resistência do africano à escravatura. (Nota da *IHU On-Line*)

do *Commercio*, de Recife e algumas apresentações em São Paulo, até o convite da Sony, pelo selo *Caos*, para a gravação do primeiro CD, *Da Lama ao Caos*, em 1994. Tanto crítica, quanto público aplaudiram de pé as músicas do grupo. A novidade e a força eram tão grandes que não houve quem não gostasse. A não ser aqueles mais tradicionais, que ainda pensavam em guardar o que achavam que era a pureza das músicas tradicionais contra o que tratavam como nefasto para a cultura brasileira, como o rock e outros gêneros norte-americanos.

IHU On-Line - Você poderia caracterizar a cena *manguebeat* da época e qual é a sua situação hoje?

Herom Vargas Silva - Nos anos 1990, o impacto foi grande pela novidade e pelo uso que o pessoal da cena fazia da Internet que se abria comercialmente em 1995. Os festivais criados, as produtoras que davam apoio aos grupos novos, tudo foi criação naqueles anos e o Recife se tornou literalmente a música brasileira para o mundo. Hoje, a cena continua produtiva, porém sem tanto apoio da mídia do Sudeste, aquela que divulga como mais força e amplitude os fenômenos da música pop. Ou seja, há grupos fazendo ótimos trabalhos, mas sem aparecerem tanto fora de Pernambuco. Um ou outro consegue furar esse bloqueio. Parece-me que um nome importante hoje que vem crescendo é o grupo *Mombojó*¹.

IHU On-Line - *Afrociberdellia* tem a participação de Gilberto Gil, Fred 04 e Marcelo D2, além de uma pitada eletrônica. Como esse experimentalismo soou à crítica e ao público? E quais são as principais diferenças desse disco em relação à *Da lama ao caos*?

¹ **Mombojó**: banda brasileira originada em Recife. Participou diversas vezes do festival *Abril Pro Rock*. Seu primeiro CD é chamado *Nadadenovo*. Tem a seguinte formação: Chiquinho (teclado e sampler), Felipe S (vocal), Marcelo Campello (violão, cavaquinho, escaleta e trompete), Marcelo Machado (guitarra), Rafa (flauta e trombone), Samuel (baixo) e Vicente Machado (bateria). (Nota da *IHU On-Line*)

Herom Vargas Silva - Como o próprio Chico comentou uma vez, o *Afrociberdellia* é como eles queriam que soasse o *Da Lama ao Caos*. Não que o primeiro fosse ruim, mas, ao gravarem o segundo, havia uma sensação de que o anterior poderia ter ficado melhor. O primeiro acabou soando mais cru, com menos elementos do que o segundo. De qualquer maneira, no *Afrociberdellia*, os apoios da gravadora foram maiores, o produtor (Bid) estava mais afinado com a proposta do grupo e a rapaziada do CSNZ estava mais consciente do trabalho em estúdio. No fundo, acho que *Da Lama...* tem mais a ver com a cara do CSNZ. Não que o segundo seja ruim, em absoluto. Mas *Da Lama* está mais próximo ao que os caras eram no início. Podem até considerá-lo mais ingênuo. Porém, é certamente um disco com sonoridade mais visceral.

IHU On-Line - José Teles, crítico de música do Jornal do Commercio, questionou-se sobre o que Chico Science e Jimi Hendrix, "dois astronautas libertados", estariam fazendo no ano de estréia de milênio. É possível falar em rock 'n' roll antes e depois desses dois ícones? Por quê?

Herom Vargas Silva - Acho difícil falar em rock só por meio desses dois ícones. Claro, eles foram importantíssimos, mas há também Eric Clapton², *Led Zeppelin*³, Janis Joplin⁴, *Pink Floyd*⁵, *The Clash*¹ e, no

² Eric Clapton: guitarrista britânico, considerado um dos melhores do mundo. De sua discografia, citamos *From the cradle* (1994). (Nota da *IHU On-Line*)

³ **Led Zeppelin**: banda britânica de rock, criada em 1969. Era formada por Jimmy Page, John Bonham, John Paul Jones e Robert Plant. Um de seus trabalhos antológicos é *Led Zeppelin*, de 1969. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴ **Janis Joplin** (1943-1970): cantora de blues norte-americana, influenciada pelo rock e pelo soul. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵ **Pink Floyd**: banda inglesa de rock, de estilo progressivo. Um de seus álbuns clássicos é *Dark side of the Moon* (1973). (Nota da *IHU On-Line*)

Brasil, Raul², Rita³, *Os Mutantes*⁴, *Titãs*, Renato Russo... De qualquer maneira, a guitarra e o rock não foram os mesmos a partir de Jimi Hendrix⁵. Ele reinventou o gênero e a maneira de tocar. Já depois de Science, me parece que o rock brazuca tem que olhar mais de perto para a música feita por aqui e saber utilizar o imenso manancial de ritmos e sonoridades que temos à nossa disposição. Como fizeram os tropicalistas em 1967/1968

¹ **The Clash**: grupo de punk rock britânico, que durou de 1976 a 1985. Em 1980 lançaram o álbum *Sandinista!* (Nota da *IHU On-Line*)

² **Raul Seixas** (1945-1989): cantor, compositor brasileiro, pioneiro do rock. É considerado o pai do rock brasileiro. Em 1973, lançou *Kirg-Há, Bandolo!* (Nota da *IHU On-Line*)

³ **Rita Lee**: cantora, compositora e instrumentista brasileira. De seus discos, destacamos *Lança perfume* (1980). (Nota da *IHU On-Line*)

⁴ **Os Mutantes**: banda psicodélica brasileira formada em 1966, em São Paulo, por Rita Lee (vocais), Sérgio Dias (guitarra, vocais) e Arnaldo Baptista (baixo, teclado, vocais). Depois de quase trinta anos ausentes dos palcos, o grupo retorna em 2006 com sua formação clássica, exceção feita a Rita Lee, que não aceitou voltar ao grupo. A cantora Zélia Duncan foi convidada a assumir os vocais e desde então acompanha a banda. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵ **James Marshall "Jimi" Hendrix** (1942-1970): guitarrista estadunidense, cantor, compositor e produtor considerado um dos mais importantes guitarristas da história do rock. (Nota da *IHU On-Line*)

e o pessoal do Mangue, com destaque para CSNZ. O que não dá mais para ouvir é grupo de rock nacional fazendo uma música parecida com o que se ouve por aí. Falta experimentação hoje em dia. Acho que é isso que grupos novos, como o *Mombojó*, vêm tentando fazer.

A importância de Chico Science já está marcada, mesmo que as novas gerações pouco conheçam dele (sim, a menina mais nova não o conhece...). Em Recife, seu nome sempre será lembrado, até porque não foi só na música que suas marcas aparecem. Há uma cena no cinema recifense chamada de *Árido Movie* (filme *Baile Perfumado* é um exemplo) que é inspirada no Mangue. Há também figurinistas e escultores com trabalhos fundados nos conceitos do *manguebeat*. Uma novidade que talvez seja interessante é que esta tese (doutorado em Comunicação e Semiótica na PUC-SP) está para ser lançada em livro com ligeiras adaptações. Deverá sair em abril pela Ateliê Editorial, de S. Paulo, com o título *Hibridismos Musicais de Chico Science & Nação Zumbi*.

“O rock identifica o século XX, assim como o Minueto identificou o século XVIII e a Valsa o XIX”

ENTREVISTA COM CRISTINA CAPPARELLI

Nem tudo são rosas em relação ao rock. Graduada em Música pela Universidade Federal de Uberlândia, a professora Cristina Capparelli faz, na entrevista que segue, algumas críticas ao estilo que buscamos debater na edição desta semana. “O que é replicado à exaustão, sem elaboração, tende a tornar-se banalizado ainda que facilmente absorvido pela comunidade”, afirma a Profa. Cristina Capparelli Gerling. Segundo ela, “o que reconhecemos genericamente como rock constitui-se em uma série de padrões quase que imutáveis do ponto de vista de ritmo e seqüências de acordes (que me perdoem os roqueiros de plantão), e o núcleo da estrutura se mantém inalterado nas últimas décadas”. “O rock identifica o século XX assim como o Minueto identificou o século XVIII e a Valsa o XIX”, constata a professora.

Capparelli recebeu o grau de Master of Music da New England Conservatory e de Doctor of Musical Arts da Boston University. Atualmente, ela é professora titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde orienta trabalhos de mestrado e doutorado. Pianista com CDs gravados e intensa atividade artística, desenvolve um trabalho com o repertório latino-americano que reúne os seguintes temas: análise musical, compositores brasileiros e latino-americanos e execução instrumental. Como coordenadora de grupo de pesquisa, os resultados parciais podem ser obtidos no site www.ufrgs.br/gppi. Confira, a seguir, a entrevista que a professora concedeu, por e-mail, para a IHU On-Line.

IHU On-Line - Qual a principal crítica que você faria ao rock enquanto estilo musical?

Cristina Capparelli - Em qualquer estilo musical, existe um nível de elaboração mais elevado e sofisticado ou mais nivelado em direção ao banal, ou mesmo vulgar. O que permite que um estilo seja reconhecido é aquilo que é identificado e replicado. Do ponto de vista da musicologia, especificamente da análise musical, o que é replicado à exaustão, sem elaboração, tende a tornar-se banalizado ainda que facilmente absorvido pela

comunidade. O que reconhecemos genericamente como rock constitui-se em uma série de padrões quase que imutáveis do ponto de vista de ritmo e seqüências de acordes (que me perdoem os roqueiros de plantão), e o núcleo da estrutura se mantém inalterado nas últimas décadas. Daí dois aspectos a serem ressaltados. O primeiro é que uma banda se diferencia da outra por ornamentações e variações desse padrão (algumas conseguem ser bem sofisticadas). O segundo é que se mudar demais deixa de ser rock. E não queremos isso. O

rock identifica o século XX assim como o Minueto identificou o século XVIII e a Valsa o XIX.

IHU On-Line - Quais as deficiências do rock, musicalmente falando?

Cristina Capparelli - Não vejo deficiência alguma no rock porque ele, nas suas inúmeras vertentes, não existe fora das comunidades que o praticam. Então a pergunta é: “que tipo de formação, de educação de gosto musical, propicia que certas vertentes de rock façam sucesso com certos grupos e não com outros?” Por exemplo, na minha infância vi o surgimento de Elvis Presley¹ e na adolescência vibrei com cada disco do Beatles e Rolling Stones². Era muito requisitada para “tocar de ouvido” para meus amigos, certamente porque tinha acesso ao idioma inglês e “curtia” a linguagem dessa época. Devo dizer que mesmo sendo “vidrada” nesse rock “clássico”, só o cultivo em mínimas doses, porque o nível de saturação é atingido rapidamente. Resumindo, o rock é baseado em um sistema de repetições e isso o define como gênero, o que não pode ser entendido como deficiência, pois é característica essencial dele. Cada banda manipula esse conceito de forma a adquirir identidade própria, apesar da base comum.

IHU On-Line - O que o rock traz que os outros estilos deixam a desejar?

¹ **Elvis Presley** (1935-1977): cantor, músico, ator e dançarino norte-americano, mundialmente conhecido como o Rei do Rock, também chamado pela alcunha de Elvis The Pelvis por sua maneira extravagante e ousada de dançar. Entre seus inúmeros sucessos, destacamos *Kiss me quick* e *Love me tender*. (Nota da *IHU On-Line*)

² **Rolling Stones**: banda de rock inglesa formada em 1962, e que está entre as bandas mais antigas ainda em atividade. Ao lado dos *Beatles*, foram a banda mais importante da chamada “Invasão Britânica”, ocorrida nos anos 1960, que adicionou diversos artistas ingleses nas paradas norte-americanas. Formado por Mick Jagger, Keith Richards, Brian Jones, Bill Wyman e Charlie Watts, o grupo calcava sua sonoridade no *blues*, e surgia como uma opção mais malvada aos bem-comportados *Beatles*. (Nota da *IHU On-Line*)

Cristina Capparelli - Dando continuidade, mais adiante o rock foi ficando “da pesada” e fui me distanciando. Deixei até mesmo de identificar as bandas que surgiam em profusão. O problema é o distanciamento pessoal, uma reconfiguração do gosto e a venda maciça de bandas dos anos 1960 e 1970 mostram que para uma imensa faixa da população não havia nada a desejar, ou seja, cada grupo novo preenchia os desejos de uma nova fatia do mercado. Para mim, o excesso de repetição dos padrões foi produzindo um cansaço. Ao ouvir o início, já poderia prever o encaminhamento e isso mata a expectativa. Enfatizo que a questão relaciona-se ao meu gosto musical pessoal, gosto este que não pode ser imposto a ninguém mais. Por exemplo, minha filha sempre cultivaram um gosto totalmente eclético, que passava por todas as bandas de rock do momento, pelas antigas, e abrangiam ainda bossa nova, MPB, *funk*, Zeca Pagodinho³ e Beethoven⁴. Então, para elas, nada a desejar, a variedade de escolha sempre foi o atrativo.

IHU On-Line - Qual o papel do rock na sociedade contemporânea? Ele ainda tem lugar? Ainda é atual?

Cristina Capparelli - A revolução do rock teve início por volta de 1956 e, de súbito, o mundo foi inundado por adolescentes que cantavam de uma maneira completamente diferente. Eu estava lá, mesmo sem TV, tomei conhecimento, meu tio comprava todos os discos (78, 45 e 33) e a gente passava tardes dançando ao som

³ **Zeca Pagodinho**: cantor e compositor brasileiro. Sua primeira gravação foi em 1982, com a canção *Camarão que dorme a onda leva*. É considerado um dos grandes nomes do samba e pagode. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴ **Ludwig van Beethoven** (1770-1827): compositor erudito alemão do período de transição entre o classicismo e o período romântico. É considerado o maior e mais influente compositor do século XIX. Suas 32 Sonatas para Piano são consideradas o Novo Testamento da Música, sendo o Cravo Bem-Temperado de Bach, o Antigo Testamento. (Nota da *IHU On-Line*)

de Jerry Lee Lewis¹ e outros famosos da época. Depois vieram os roqueiros brasileiros... Creio que os adolescentes de hoje fazem o mesmo, espero que com os ídolos de agora. A diferença é que o surgimento do rock foi algo espetacular. Hoje não tem o mesmo sabor, é requentado. Por mais que se queira, essa roda foi inventada na década de 1950 e trouxe uma incrível liberação e mudança de costumes. O positivo é que as letras de música no Brasil têm um certo charme.

***IHU On-Line* - Os adolescentes de hoje gostam de rock?**

Cristina Capparelli - Sim, gostam, mas como tudo que está vivo envolve, as influências são inúmeras e variadíssimas. Não saberia identificar quantos tipos de rock existem hoje e quantas tribos acolhem essa diversidade. Creio que o cultivo de diferentes estilos é muito positivo, mostra vitalidade.

***IHU On-Line* - O rock sofreu alterações ao longo dos anos?**

Cristina Capparelli - Claro, né? Todos os tipos de rock estão vivos e alguns sofrem mutações. No entanto, como o estudo de música no Brasil é muito restrito e a educação musical não é acessível nas escolas, fica parecendo que o que está acontecendo agora é uma grande novidade. Curiosamente, há mais de trinta anos, fiz uma classe de música popular, e já naquela época o fenômeno rock não só era tratado de forma séria, mas já se tinha ótima idéia da complexidade de sua propagação e da diversidade gerada na sua absorção em diferentes partes do planeta.

***IHU On-Line* - E como se dá essa mudança em relação ao perfil do roqueiro?**

¹ Jerry Lee Lewis: cantor, compositor e pianista norte-americano de rock and roll, considerado um dos pioneiros do gênero. (Nota da *IHU On-Line*)

Cristina Capparelli - De maneira geral, qualquer artista de qualquer tipo de música sempre buscou sucesso, reconhecimento, fama e situação financeira privilegiada. Da mesma forma no rock, existem grupos que querem o reconhecimento do público e a venda de números incriveis de discos, shows etc.

***IHU On-Line* - O rock ainda é instrumento de contestação em relação ao sistema vigente?**

Cristina Capparelli - Existem grupos que iniciaram como contestadores e caíram no conformismo (acho tragicômico ver roqueiros sessentões e barrigudos, ainda tentando passar por guris descolados). A questão da droga complica bastante, o que está sendo contestado... Por outro lado, acho muito positiva a atitude de artistas famosos, cuja origem foi o pop e o rock, hoje se dedicarem a causas humanitárias.

***IHU On-Line* - Concorda com Humberto Gessinger, quando ele diz que "agora rock 'n' roll é sinônimo de propaganda de refrigerantes"?**

Cristina Capparelli - A música é uma atividade absolutamente inseparável da sociedade que a cria. Em uma sociedade de consumo, a música vira acessório indispensável para vender seja lá o que for, inclusive refrigerante, porque não? Espero que paguem muito bem o roqueiro de plantão que faz o jingle, ou o videoclipe...

***IHU On-Line* - É possível estabelecer alguma relação entre o rock e a música clássica/ erudita?**

Cristina Capparelli - Como disse no início, trata-se de processos de elaboração. O rock baseia-se em padrões que por sua natureza intrínseca precisam ser imediatamente reconhecidos, absorvidos e replicados. Já na música clássica ou erudita, compositores buscam processos de elaboração menos óbvios, mais variados, menos perceptíveis ao ouvido inocente. Por outro lado, o gosto musical é resultado da convivência, do hábito, da

familiaridade. Não existe impedimento para o gosto musical, seja qual for. O que existe são tabus estúpidos a respeito deste ou daquele gênero. A educação musical, no sentido amplo, busca a compreensão e a apreciação

de todas as músicas praticadas pelo ser humano sem barreira nem preconceito. A música é o produto mais deslumbrante, complexo e atrativo que nós, humanos, produzimos. Viva a diferença!

O papel do músico e o estereótipo do rock mudaram

ENTREVISTA COM FRANK JORGE

“Tem aspectos originais do rock que não se perderam”, acredita o músico gaúcho Frank Jorge, um dos coordenadores do curso de Formação de Músicos e Produtores de Rock da Unisinos, o primeiro do gênero no Brasil. Entretanto, ressalta, “mudou muito o papel do músico e o estereótipo do rock”. E continua: “O músico hoje desempenha papéis muito diferentes, específicos dentro desse universo da música, e agora tem mais possibilidades de trabalho dentro do mundo do rock, não somente como um ícone artístico, um rockstar - existem outras opções: o músico como uma pessoa que também domina a produção musical em estúdio, que acompanha o desenvolvimento da gravação de uma banda, que é produtor”. As declarações fazem parte da entrevista que segue, concedida pessoalmente por Frank na redação da IHU On-Line.

Frank Jorge é um dos roqueiros mais conhecidos do Rio Grande do Sul. Tocou em bandas importantes como os Cascavelletes e Caubóis Espirituais. Foi vocalista e baixista da Graforrêia Xilarmônica, que ajudou a fundar em 1987 e com a qual eventualmente se apresenta. Hoje segue em uma bem-sucedida carreira solo com CDs como Carteira Nacional de Apaixonado e Vida de verdade. Escreveu as obras Realidades e Chantillys Diversos. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000 e Crocâncias Inéditas. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

IHU On-Line - Poderias explicar como surgiu a idéia de criar o curso de Formação de Músicos e Produtores de Rock da Unisinos?

Frank Jorge - Foi um convite inicial do Fabrício Carpinejar¹, no primeiro momento por termos atividades

¹ Fabrício Carpinejar: jornalista e poeta gaúcho, autor de *As Solas do Sol*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998; *Cinco Marias*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004; *Como no Céu e Livro de Visitas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005 e *O Amor Esquece de Começar*. Rio de



literárias e musicais em comum. Ele sugeriu que eu imaginasse uma atividade musical para o curso de Formação de Escritores e Agentes Literários². Um dia

Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. A *IHU On-Line* edição 185, de 19-06-2006 traçou seu perfil na editoria *IHU Repórter*, disponível para download no site do IHU. (Nota da *IHU On-Line*)

² Curso de Formação de Escritores e Agentes Literários: graduação oferecida pela Unisinos, sob a coordenação do jornalista Fabrício Carpinejar. Para maiores informações, consulte o site

depois, liguei para mim outra vez dizendo que havia tido uma idéia melhor ainda. Conversando com o grupo responsável pelos novos projetos na Unidade de Graduação, o Fabrício pensou que havia um espaço interessante para um curso de música. E ainda falou que achava que eu era a pessoa para criar esse curso! No primeiro momento fiquei um pouco assustado, mas sentei-me ao computador e pesquisei sobre outros cursos de música, uma pesquisa breve para não me influenciar pelos que já existiam. Escrevi então um rascunho a partir das minhas experiências em encontros com outros músicos, falando sobre assuntos como a filiação em associações de compositores, sobre direitos autorais de canções. E nessas conversas percebi que as pessoas não conheciam muito sobre o assunto, e que isso não podia continuar dessa maneira. Outra coisa também me chamou a atenção: como hoje em dia existem cursos técnicos muitos bons em vários estados do Brasil, para ensinar as pessoas a trabalhar com ferramentas de *software* de áudio, mas isso não era aprendido dentro de uma universidade. Anotei todas essas idéias. Dessas idéias saiu um primeiro esboço do assunto, que o Fabrício já comentava com a Unidade de Graduação. Entretanto, não havia nada de concreto.

Essas idéias foram muito bem recebidas. Isso tudo aconteceu em maio de 2006. Como nessa época eu ainda trabalhava na Secretaria de Cultura de São Leopoldo, era difícil conciliar o trabalho com o processo de formatação do curso. Mas não deixava de ser interessante estar envolvido na Secretaria de Cultura, pois estava lidando lá com o meio musical, e também tinha contato com bandas de São Leopoldo. O contato diário com bandas sempre reforçava a minha noção de quanto era importante surgir um curso como esse. Uma equipe muito

www.unisinos.br/formacao_especifica/escritores/. (Nota da *IHU On-Line*)

boa participou do processo, como o Gustavo Borba¹, do curso de Design, o Gustavo Fisher², da Comunicação Digital, pessoas que deram apoio didático-pedagógico.

***IHU On-Line* - Como foi a procura para este primeiro semestre de curso? E qual é o perfil do estudante de Formação de Músicos e Produtores de Rock?**

Frank Jorge - Entre a origem e desenvolvimento, aprovação e divulgação foi um período muito curto. Mesmo com pouco tempo entre a aprovação do curso e a divulgação, houve uma procura muito. Tivemos cerca de 125 inscritos. A turma que se matriculou conta com 30 alunos. A maior parte dos estudantes está ligada à música: cerca de 30% dos alunos atuam como músicos. Fizemos um processo de esclarecimento de dúvidas para as pessoas que estavam no período de inscrições, desde atendimento individual até conversas por e-mail, telefone e recados no Orkut. Esse compromisso com quem está envolvido com o curso ficou muito transparente.

Quando as pessoas perguntam como é a reação do meio acadêmico, há muitas críticas. Explico que a relação está iniciando com os demais colegas coordenadores de cursos, e o foco do nosso curso está tão obstinado no nível de planejamento de aulas e a programação das atividades, que os comentários, internos ou externos, não nos preocupam. Se o curso teve um bom número de inscritos e matriculados, é porque tem um empenho muito sério na equipe. Para muitas pessoas, os objetivos do curso ainda não estão bem claros, mas esse grau de seriedade e envolvimento está justificando esta curiosidade que desperta. Não paramos de conceder entrevistas desde que iniciaram as aulas. Pessoas de

¹ **Gustavo Severo de Borba**: Coordenador do curso de Gestão para Inovação e Liderança da Unisinos. É doutor e mestre em Engenharia da Produção. (Nota da *IHU On-Line*)

² **Gustavo Daudt Fisher**: publicitário, mestre e doutor em Ciências da Comunicação, é coordenador do curso de Comunicação Digital da Unisinos. (Nota da *IHU On-Line*)

outros estados ligam querendo saber se vai ter vestibular de inverno. Temos um aluno de São Paulo, outros de Nova Petrópolis, Canela, Esteio, Canoas, Porto Alegre e São Leopoldo.

IHU On-Line - Compositor, produtor e empresário são algumas das habilidades que o curso propõe desenvolver. Poderias explicar como essas competências serão trabalhadas? Que tipo de atividade está sendo proposto em sala de aula?

Frank Jorge - Primeiro tem um aspecto que facilita muito o desenvolvimento das atividades, que é o curso organizado por Programas de Atividades (PAs), que aumentam a dificuldade gradualmente. No programa PA1 acontece a construções de referências. É o momento de se trabalhar com vários aspectos e abordagens de ensino, algumas semelhantes a outros cursos, como trabalhos em grupo, trabalhos em dupla, aplicação de provas, trabalhos de interpretação de texto, de audição e análise musical. Temos um professor que é recém-formado no curso de Comunicação Digital, o Charles Di Pinto¹. Ele tem um material muito rico nas suas apresentações sobre a história da indústria fonográfica, mostrando todo esse conteúdo de maneira ilustrada, sem o mistério de como eram os primeiros equipamentos de gravação. Também acontecem aulas expositivas. No caso desse semestre, que é a formação de referências, os professores fizeram uma sondagem nos primeiros encontros, adequando as suas atividades a partir desse nível que percebemos nos alunos. As abordagens são diversas, assim como a metodologia.

¹ **Charles Di Pinto**: produtor norte-americano radicado em Porto Alegre. Já trabalhou com *Tom Bloch*, *Bataclã FC* e *Bidê ou Balde*, além de participar dos projetos de música colaborativa *Hyper* e *Viralata*. Atualmente é professor no curso de Formação de Produtores e Músicos de Rock da Unisinos. (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - Tu disseste que o rock não será enquadrado no curso. Mas é inevitável pensar na origem rebelde desse estilo musical, e que hoje é objeto de estudo numa universidade. Como tu vês essa relação?

Frank Jorge - Em aula trabalhamos com textos como o prefácio do livro do George Martin², produtor dos *The Beatles*³, que fala do disco *Sargent Pepper's*⁴ como divisor de águas como tipo de instrumentação, de temas. Também usamos uma crônica do Luís Fernando Veríssimo⁵ sobre o mesmo álbum. O texto do Martin contextualiza muito bem a época, não vamos esconder nada. Quando ele fala sobre o álbum, conta sobre a Guerra do Vietnã, fala sobre contracultura, mudanças de comportamento sexual, e assim comentamos o aspecto daquele texto sobre drogas também. Não tem como falar desse álbum sem falar do contexto que ele representou para a música e a sociedade. Não é possível enquadrar o rock, mascarando os aspectos que motivaram a inspiração artística. Por outro lado, não é o mais importante enfatizar que esse disco foi produzido a

² **Sir George Martin**: muitas vezes chamado de "o quinto beatle", em referência a seu trabalho como produtor da maioria de álbuns lançados pela banda de rock inglesa *The Beatles*. É, também, um compositor de talento. Exemplos são a trilha sonora dos filmes *Yellow Submarine*, dos *Beatles*, *Live and Let Die*, de James Bond. (Nota da *IHU On-Line*)

³ **The Beatles**: banda de rock inglesa, criada no final da década de 1950. Formada por John Lennon (guitarra e vocal), Paul McCartney (baixo e vocal), George Harrison (guitarra e vocal) e Ringo Star (bateria e vocal), obtiveram notoriedade até hoje. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴ **Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band**: oitavo álbum dos *The Beatles*. É frequentemente citado como o melhor e mais influente da história do rock. Gravado em 129 dias em aproximadamente 700 horas, foi lançado em 1967. Considerado como álbum inovador desde sua técnica de gravação até a elaboração da capa. Pelo pouco apelo comercial, não foi tocado nas rádios, mas vendeu 11 milhões de cópias só nos Estados Unidos. Em 2003, a revista especializada em música *Rolling Stone* colocou *Sgt. Pepper's* no topo de uma lista de 500 melhores álbuns de todos os tempos. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵ **Luís Fernando Veríssimo** (1936): escritor gaúcho, filho de Erico Veríssimo. É também jornalista, publicitário. (Nota da *IHU On-Line*)

partir do uso de drogas ilícitas. O mais importante a ser dito é que os *Beatles* era um grupo que estava reinventando a música pop, com uma instrumentação diferente, com orquestra, flertando com a música oriental quando tocam com instrumentos indianos. Tudo isso é muito importante que os alunos ouçam e entendam. É importante que através do curso de rock eles se sintam motivados a ler bastante.

IHU On-Line - Como o curso vai dialogar com as tecnologias como o MP3?

Frank Jorge - Eu particularmente entendo que o MP3 é corriqueiro como um arquivo de Word que é enviado por e-mail. O MP3 é a linguagem, o arquivo compactado de áudio para as pessoas usarem, seja nos seu MP3 player, seja no seu computador em casa. É impossível fechar os olhos para a presença e importância disso, que é um arquivo compactado de áudio, que é a linguagem corrente hoje. Claro que há casos e casos. Por exemplo, uma pessoa pergunta a outra se conhece tal banda e manda um MP3 para a outra conhecer. A pessoa que receber esse arquivo pode acabar se interessando e pesquisando mais sobre a banda e baixar tudo em MP3. Por outro lado, pode se interessar em ir a uma loja e comprar os CDs. As pessoas também têm uma ânsia de ouvir discos novos que estão na rede. Abrimos outro debate, a fim de ver se isso é correto ou não. Contudo, precisamos pensar que ter acesso ao MP3 não implica em não comprar CDs. Há bandas que revolucionaram essa relação com o MP3 e a internet, como o *Radiohead*¹, que colocou o disco novo à disposição na internet, lançado na rede uma semana depois do lançamento das lojas e vem vendendo muito bem.

¹ **Radiohead**: grupo inglês de rock alternativo. É formada por Thom Yorke (vocal, guitarra, piano e sintetizadores), Ed O'Brien (guitarra e sintetizadores), Jonny Greenwood (guitarra, teclados e sintetizadores), Colin Greenwood (baixo) e Phil Selway (bateria). (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - Qual é o papel do músico na sociedade, e em particular o papel do roqueiro? Tu achas que o rock mudou? Por quê?

Frank Jorge - Nesse período, que compreende mais de 50 anos, desde que o rock surgiu, mudou muito o que o gênero representou no início e seu grau de inserção hoje. Consequentemente, o papel do músico mudou. Tem aspectos originais do rock que não se perderam. Existe uma declaração do *Chuck Berry*² que classifica bem o que era o rock nesse início. Por que os jovens gostavam do rock? Porque os pais não gostavam. Isso é o quadro do surgimento do rock: uma música para os jovens, falando de coisas do universo jovem, com um volume e instrumentação diferente. O poder de contestação do rock foi aumentando com o tempo, como uma ferramenta para protestar.

Hoje tudo isso já está mais diluído. Existe ainda gente que faz rock para protestar, mas existe uma inserção muito grande, como a banda *Cansei de ser sexy*³, que fez poucos shows e sucesso no Brasil e já se tornou uma realidade internacional, pois são garotos propaganda da Microsoft. Para mim esse é o exemplo clássico: uma grande empresa de *software* que contrata uma banda de rock para divulgar o lançamento de um produto. Mas não seria apenas o que diria Humberto Gessinger⁴: “a

² **Chuck Berry**: compositor, cantor e guitarrista americano. É apontado por muitos como o inventor do rock 'n' roll. (Nota da *IHU On-Line*)

³ **Cansei de ser sexy**: banda alternativa brasileira, formada em 2003, que mistura influências de rock, pop, música eletrônica e outros tipos de arte como cinema, design e moda. Tem a seguinte formação: Lovefoxxx (vocal), Adriano Cintra (produção, bateria, guitarra, baixo e vocal), Luiza Sá (guitarra e bateria), Ana Rezende (guitarra e gaita), Iracema Trevisan (baixo) e Carolina Parra (guitarra e bateria). (Nota da *IHU On-Line*)

⁴ **Humberto Gessinger**: músico gaúcho, líder da banda *Engenheiros do Hawaii*, vocalista, guitarrista e baixista. Confira a entrevista exclusiva concedida por Gessinger à *IHU On-Line*, nesta edição, intitulada *Rock 'n' roll é sinônimo de propaganda de refrigerantes*. (Nota da *IHU On-Line*)

juventude é uma banda em uma propaganda de refrigerantes”. Acho que isso também acabou. Mudou muito o papel do músico e o estereótipo do rock. Houve uma progressão, que, no entanto, não acontece só no rock. A mídia e a propaganda se apropriam de um estilo, uma música, para veicular seu produto. Isso às vezes é feito de uma maneira mais agressiva e outras vezes de uma maneira mais criativa. O músico hoje desempenha papéis muito diferentes, específicos dentro desse universo da música, e agora tem mais possibilidades de trabalho dentro do mundo do rock, não somente como um ícone artístico, um *rockstar* - existem outras opções: o músico como uma pessoa que também domina a produção musical em estúdio, que acompanha o desenvolvimento da gravação de uma banda, que é produtor. Às vezes, se diz que os produtores são o “quinto elemento”, a exemplo do que George Martin representava nos *Beatles*.

IHU On-Line - Como tu vê a questão dos roqueiros feitos “sob encomenda”?

Frank Jorge - Isso acontece desde o surgimento do rock, com artistas que são moldados pela gravadora. Não é algo recente. *Os Monkees*¹ durante muito tempo foram execrados e mal vistos, porque era uma banda de certo modo montada para participar de um programa de televisão como “âncora”. Mas é evidente que ela tem o seu valor.

IHU On-Line - Por que o Rio Grande do Sul tem a fama de estado roqueiro?

Frank Jorge - Há muito tempo o rock gaúcho tem uma imagem no restante do país de que é um dos melhores que se faz no Brasil. Para quem está há alguns anos

¹ **The Monkees**: grupo de rock americano, criado em 1965. Teve a seguinte formação: David Jones (voz e percussão), Michy Dolenz (voz e bateria), Peter Tork (baixo, teclado e voz) e Mike Nesmith (voz e guitarra). (Nota da *IHU On-Line*)

viajando pelos país, é possível ver que há uma riqueza de festivais e bandas, ou seja, cenas musicais fora daqui. Exemplos disso são Recife, Acre, Belém, Cuiabá. Vemos cenas muito sólidas, com bandas antigas e outras querendo espaço, mas com festivais muito bem organizados. Alguns com projetos aprovados com leis de incentivo e captação de recursos, uma coisa que não tem no Rio Grande do Sul. Eu tentei sempre de uma maneira ou outra fazer um festival ou outra coisa, mas nunca consegui em função de outras atribuições. Esse também não é o meu papel, não sou um produtor e não tenho tempo nem estrutura. Cheguei a fazer o curso de captação de projetos aqui na Unisinos. O Rio Grande do Sul não tem um grande festival de rock. Para não fazer injustiça, preciso dizer que existem alguns festivais menores no interior, resultado dos esforços de pessoas que gostam muito de rock. Mas Porto Alegre, por exemplo, entrou no roteiro de alguns shows internacionais, mas não tem festivais. Isso é algo grave. Esses festivais que acontecem no Brasil, seja com o apoio entidades privadas ou do governo, contam com apoio de diversas esferas de governo. Não há uma preocupação com a música por parte dos gestores públicos em Porto Alegre. O Sul segue sendo importante, mas como qualquer outra cena é importante. Quem está mais tempo em outros lugares do país sabe disso. De tempos em tempos se tem referências importantes, como o *Engenheiros do Havaii*, *Os Brasas*, *Kleiton e Kleidir*, *Liverpool*, uma banda tropicalista gaúcha. Sempre houve essa tentativa das bandas daqui tentarem se inserir no mercado do Sudeste. As que mais se consolidaram foram *EngHaw*, *Nenhum de Nós* e, agora, o *Papas da Língua*. Uma que está despontando é a *Cachorro Grande*.

Cena independente

Existe um movimento no circuito independente que abrange o Brasil inteiro, como a *Fresno*¹, que consolidou sua carreira também através da internet e *downloads*. Há muitas bandas que correm nesse circuito independente. Em Porto Alegre se tem uma super-oferta de bandas, da capital e interior, com estilos muito variados. Também existem muitos espaços para tocar, com as condições mais variadas. É muito difícil também se tocar no rádio. Por isso, a internet é importante: ela estabelece um contato direto com o público; é uma certa salvação, principalmente para as bandas novas, que às vezes gravam em casa. Hoje em dia, as bandas se movem muito rápido, com mais destreza, se agilizam mais, até porque existem outras ferramentas para trabalhar. Antigamente não era tão fácil. Hoje até as famílias ajudam mais, têm mais consciência do segmento.

IHU On-Line - Algum dia pensaste em te tornar um professor universitário e ensinar a tua arte?

Frank Jorge - Sou um cara tímido. Fiz curso de Letras na PUCRS, mas passei toda a graduação negando que seria professor. Eu não me via como professor. Não me imaginei em sala de aula falando sobre rock, e hoje isso é uma realidade que eu vejo com alegria e como uma grande oportunidade. Esse meio do rock está sendo trazido para o mundo acadêmico com uma linguagem contemporânea. Estamos indo ao encontro de uma carência que existia. Isso nos desafia permanentemente.

IHU On-Line - O que tu estás ouvindo agora?

Frank Jorge - Das bandas mais recentes, ouço *Franz Ferdinand*², que reproduz muito o som dos anos 1980. O

¹ **Fresno**: banda formada em 1999, em Porto Alegre, por Lucas Silveira (vocal e guitarra), Gustavo Mantovanni (guitarra), Pedro Cupertino (bateria) e Bruno Teixeira (baixo). (Nota da *IHU On-Line*)

² **Franz Ferdinand**: banda escocesa de rock alternativo. Foi considerada uma das grandes revelações da cena musical no ano de 2004 e chegou a ganhar o Mercury Music Prize. Sua formação conta com

último disco dos *The Strokes*³ tem umas músicas com umas introduções interessantes, e até meus filhos gostam. Outra banda que acho legal é *Blondie*⁴. Também estou ouvindo Ronnie Von⁵, da época pós Jovem Guarda⁶, um trabalho bem audacioso. Também gosto muito do *Los Hermanos*⁷. E de muitas bandas da década de 1960 que eu ouço seguidamente.

IHU On-Line - E para o futuro, quais são os projetos?

Frank Jorge - Atuo como músico há 20 anos e nunca perdi a convicção do trabalho musical. Sinto-me com capacidade e potencial para continuar tocando, mas hoje as coisas funcionam de outra maneira. Nós temos uma sonoridade, uma técnica de tocar muito particular. Tenho menos ansiedade de concretizar meus projetos do que com 20 anos de idade. Tenho um histórico com realizações diversas e ainda muitos projetos pela frente. Não tenho nenhum projeto definido a curto prazo, como gravar um novo disco. Tenho um disco para ser lançado, um trabalho solo, que talvez eu encontre uma maneira

Alex Kapranos (vocal e guitarra), Nick McCarthy (guitarra e vocal de apoio), Robert Hardy (baixo) e Paul Thomson (bateria). (Nota da *IHU On-Line*)

³ **The Strokes**: banda americana de rock indie, formada em Nova Iorque em 1999. Sua formação conta Julian Casablancas (vocalista), Nick Valensi (guitarra), Fabrizio Moretti (bateria), Albert Hammond Jr. (guitarra) e Nikolai Fraiture (baixo). (Nota da *IHU On-Line*)

⁴ **Blondie**: banda americana considerada precursora do new wave e punk rock. Teve os seguintes componentes: Deborah Harry, Paul Carbonara, Chris Stein, Clem Burke, Leigh Foxx e Kevin Patrick. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵ **Ronnie Von**: cantor e apresentador brasileiro. Começou sua carreira na época da Jovem Guarda, com sucessos como *A praça*. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶ **Jovem Guarda**: programa televisivo brasileiro exibido pela Rede Record a partir de 1965. Os integrantes do programa foram influenciados pelo rock americano no final da década de 50, e faziam uma variação do rock batizada de "iê-iê-iê". (Nota da *IHU On-Line*)

⁷ **Los Hermanos**: banda de rock carioca, composta por Marcelo Camelo, Rodrigo Amarante, Rodrigo Barba e Bruno Medina, que mistura indie rock com elementos da música brasileira como o samba e a MPB. (Nota da *IHU On-Line*)

de lançar esse ano, mas não é uma prioridade. Hoje o curso de rock recebe a minha atenção. Não me afastei do meio da música, acho que isso é positivo até para o curso. Vou trazer para o curso coisas que já fiz, como o fato de eu ter músicas gravadas por outros artistas, como o *Pato Fu*¹, *Ira!*² e *Hard Working Band*. Isso me orgulha

¹ **Pato Fu**: banda mineira de rock alternativo, formada em 1992, composta por Fernanda Takai, John Ulhoa, Ricardo Koctus, Xande Tamietti e Lulu Camargo. Entre seus álbuns, destacamos: *Ruído rosa* (2001). (Nota da *IHU On-Line*)

muito. Também toquei com a orquestra da Ulbra, uma experiência riquíssima. Compareci a alguns festivais no Brasil, como no Rio de Janeiro e no Nordeste, e encontrei um público interessado no meu trabalho.

² **Ira!**: banda de rock paulista, formada em 1981, composta por Nasi (vocalista), Edgard Scandurra (guitarra), Gaspa (baixo) e André Jung (bateria). Seu nome é inspirado no Exército Republicano Irlandês. De seus álbuns, destacamos: *Meninos da Rua Paulo* (1991). (Nota da *IHU On-Line*)

“Antes de alunos, queremos roqueiros que sigam seus próprios caminhos”

ENTREVISTA COM JOÃO PAULO SEFRIN

Para João Paulo Sefrin, que ao lado de Frank Jorge é um dos coordenadores do curso de Formação de Produtores e Músicos de Rock da Unisinos, o “maior desafio do rock na universidade é vencer o preconceito de que, por seu caráter de contestação, de ‘arte rebelde’, ele não possa fazer parte do mundo acadêmico”. Mas trazer o rock para universidade não significa encaixotá-lo: “Existe a falsa impressão de que ao pensar, sistematizar e organizar conteúdos, estaríamos nos afastando da essência do rock, limitando a capacidade criativa, inovadora e questionadora dos alunos. Mas, ao contrário, antes de alunos nós queremos roqueiros que encontrem aqui na universidade um ambiente de muita discussão, troca de experiências, idéias e informações, não para reproduzir modelos pré-fabricados e prontos, mas para seguirem seus próprios caminhos, com sua identidade construída sobre conhecimento e prática”. Questionado sobre a relação rock e música erudita, foi enfático: “Eu sou a favor da boa música. Seja rock, erudita, popular”. As declarações foram dadas por e-mail à IHU On-Line. Bacharel em música, com habilitação em Regência, Sefrin é formado pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Regeu as orquestras Jovem da UFRGS e da Unisinos. É regente e diretor musical do grupo Vocal Mandrialis e do Coral Unisinos.



IHU On-Line - Quais são os maiores desafios e a inovação de se estudar rock numa universidade?

João Paulo Sefrin - Certamente, o maior desafio do rock na universidade é vencer o preconceito de que, por seu caráter de contestação, de “arte rebelde”, ele não possa fazer parte do mundo acadêmico. Existe a falsa impressão de que ao pensar, sistematizar e organizar conteúdos, estaríamos nos afastando da essência do rock, limitando a capacidade criativa, inovadora e questionadora dos alunos. Mas, ao contrário, antes de alunos nós queremos roqueiros que encontrem aqui na universidade um ambiente de muita discussão, troca de experiências, idéias e informações, não para reproduzir modelos pré-fabricados e prontos, mas para seguirem seus próprios caminhos, com sua identidade construída sobre conhecimento e prática. E esta talvez seja a grande inovação: trazer o rock para dentro da universidade, não para fazer dele uma caixa, tornando-o simétrico, quadrado, pré-estabelecido, mas para que ele tenha, com toda a liberdade e rebeldia, ainda mais presença e interferência no dia-a-dia.

IHU On-Line - E quanto ao curso recém-iniciado na Unisinos, quais são os desafios que vêm pela frente?

João Paulo Sefrin - Além de vencer estes preconceitos, dentro e fora da universidade, tornar nosso curso conhecido e, principalmente, reconhecido, vai ser muito importante para conquistarmos mais espaço, mais alunos, mais parceiros, para que possamos ter uma estrutura moderna, em sintonia com o mercado e eficiente.

IHU On-Line - Muitos apreciadores de música erudita rejeitam o rock como uma música “menor”. Qual é o fundamento dessa concepção e qual é o teu ponto de vista a respeito?

João Paulo Sefrin - Há muito tempo se criou uma divisão entre a Música Erudita e Música Popular.

Provavelmente estes termos caracterizavam músicas com finalidades diferentes: a Música Erudita era “de concerto”, aquela música que se executava nos teatros, salas de concerto etc., que normalmente necessitava de grandes grupos e de grande conhecimento para ser tocada, ao passo que a Música Popular era aquela que se tocava, ou se cantava, nas casas, nos bares, na rua e que podia ser assobiada, acompanhada por instrumentos comuns, sem que se precisasse de grande destreza técnica para isso.

Ao longo do tempo, esta classificação passou a ser cada vez mais severa, a ponto de se tornar pejorativa em relação à Música Popular, como sendo uma música de valor estético menor, sem importância artística ou social, ao mesmo tempo em que se mistificou a chamada Música Erudita como algo inatingivelmente superior, difícil e, muitas vezes, chata. No caso do rock, por seu caráter irreverente, contestador, incisivo, esta distância aumentou mais ainda.

Na minha opinião, a música é uma arte que pode se valer de vários idiomas. Mas será sempre uma linguagem a serviço da expressão das incertezas, angústias, alegrias, enfim, dos sentimentos de cada sociedade, de cada povo. Eu sou a favor da boa música, seja ela rock, seja erudita ou popular.

IHU On-Line - Qual é o papel do músico na sociedade, e, em particular, o papel do roqueiro?

João Paulo Sefrin - O músico é uma espécie de catalisador e decodificador das sensações e percepções humanas. Seja criando música para consumo imediato, seja criando uma grande e imortal sinfonia. Todo músico, seja compositor ou intérprete, é responsável por uma grande catarse humana diante das questões propostas pela vida de cada dia. O roqueiro é um músico com este mesmo papel. De forma bem mais irreverente, por vezes mais agressiva, é um perguntador e um provocador.

IHU On-Line - O estigma de rebeldia ainda é válido para nossos dias ou o rock se tornou mais um produto da indústria cultural? Tu achas que o rock mudou, perdeu espaço? Por quê?

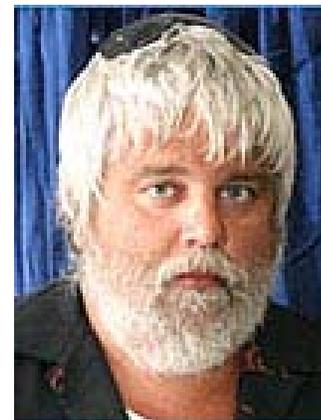
João Paulo Sefrin - Todo roqueiro será sempre um rebelde. Mas o peso da chamada indústria cultural certamente exerce influência sobre o rock, assim como em qualquer segmento musical, a ponto de criar “músicos de brinquedo”. Portanto, ainda temos roqueiros como nos velhos tempos, misturados a alguns tipos pré-fabricados pela indústria do consumismo.

Se o rock mudou? Acho que o rock viveu e quando se vive, se muda. Algumas mudanças são para melhor, outras nem tanto. Mas é parte de um processo de uma música viva, efervescente. Mas não acho que tenha perdido espaço. Antes, vivemos uma sobreposição de estilos e gêneros musicais nacionais e internacionais. As opções são cada vez maiores e, cada vez mais, ouvimos mais estilos diferentes. Mas o bom e velho rock está sempre aí. Basta ver a grande procura que existe por nosso curso.

A universidade deve incentivar a “loucura”

ENTREVISTA COM CARLOS EDUARDO MIRANDA

Tênis, calça oversize, camiseta branca e uma camisa estampada com flores como complemento. Com esse visual despojado, que já virou sua marca registrada, além do bom humor e do jeito sem cerimônia nenhuma, o produtor musical gaúcho Carlos Eduardo Miranda falou para uma platéia atenta e que lotou o Auditório Maurício Berni, na aula inaugural do curso de Formação de Músicos e Produtores de Rock da Unisinos, na noite de 13-03-2007. Dividindo a mesa com Frank Jorge, um dos coordenadores do curso, Miranda, como é conhecido no meio musical, é jornalista graduado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e ex-roqueiro. Tocou em bandas como Taranatiriça, Urubu-Rei e Athualpa y us Panquis. No começo dos anos 1990 criou o Banguela Records, e produziu bandas importantes na cena roqueira como Raimundos, mundo livre s/a, Skank, O Rappa, Cordel do Fogo Encantado e Cansei de ser sexy. Também é de sua autoria o site Trama Virtual, <http://tramavirtual.uol.com.br/>, projeto de distribuição on-line de artistas independentes por MP3. Foi jurado do programa Ídolos, exibido no ano passado pelo SBT. Minutos depois da aula, Miranda concedeu a breve entrevista que segue para a IHU On-Line. Entre outros assuntos, disse que uma das maiores dificuldades em ser produtor musical hoje é conseguir oportunidades. Avaliando a importância do curso de rock, não mediu palavras: “Cabe à universidade incentivar a ‘loucura’. Se eu fosse professor desse curso, iria dizer: ‘Aventurem-se. Sejam vocês os exemplos da minha aula!’” Confira.



IHU On-Line - Quais são as diferenças de hoje em relação a quando começaste a ser produtor musical?

Carlos Eduardo Miranda - É tudo diferente. Completamente. A tecnologia mudou a forma de se fazer produção musical. Antes era tudo manual e simples. Antigamente não tinha nada no Brasil. Fazíamos as coisas em casa, errando e acertando. Eu comecei a gravar em um estúdio feito pelo dono. E era o melhor que nós tínhamos. Fazer mixagem de um trabalho não era possível. Era uma fita com o tempo “correndo”. Nós ensaiávamos a mixagem, botão por botão, às vezes até de madrugada. Era muito estressante.

IHU On-Line - E as maiores dificuldades de ser produtor hoje, quais são?

Carlos Eduardo Miranda - Conseguir oportunidades. O mais difícil é isso, porque aprendemos em casa. Hoje em dia se faz o *download* de programas de internet e começamos a conhecê-los. Isso torna o trabalho mais fácil do que era antes. Com o mercado em crise, temos que buscar oportunidades. Mas essa é uma dificuldade que sempre existiu. Como que vamos convencer alguém a acreditar que você é um produtor?

IHU On-Line - Tu demonstraste muito entusiasmo com a questão de se estudar rock em uma universidade, e chegaste a dizer que esse é um paradoxo. No Brasil, esse é o primeiro curso. Como tu vêes a iniciativa?

Carlos Eduardo Miranda - Eu acho muito legal. Isso só poderia acontecer no Rio Grande do Sul. Faz muito sentido pela história roqueira do estado. Penso que deve ser estudada a história da música e do rock. Tratar desses temas do modo mais abrangente possível, com o maior número de pessoas possível, seria excelente. Mas

também é importante que os alunos saibam reagir contra o academicismo. Não se pode cair em uma armadilha acadêmica, como é o caso de uma porção de artistas que existem por aí. Cabe à universidade incentivar a “loucura”. Se eu fosse professor desse curso, iria dizer: “Aventurem-se. Sejam vocês os exemplos da minha aula!” Essa gurizada tem que fazer som, se aventurar: isso é uma postura rock ‘n’ roll. E digo mais: rock é andar em turma, ter amigos, cultivar essa relação. Não se faz rock sozinho. Arte é feita em turma. Foi assim que nasceu o rock gaúcho, cara!

IHU On-Line - No Brasil e no Rio Grande do Sul, quem tu achas que são os bons nomes do rock agora?

Carlos Eduardo Miranda - Muitas pessoas. Acho difícil citar. Quem eu citar vai ficar aquém dos grandes momentos da música que aconteceram. Eu prefiro não dizer um ou outro. As pessoas têm que ir para a rua, ouvir e correr atrás dos sons bons que estão disponíveis. O Rio Grande do Sul, como sempre, é muito rico nessa área. Basta procurar, que cada um vai julgar o que gosta.

IHU On-Line - Tu achas que o rock, em comparação com outros estilos musicais, perdeu espaço?

Carlos Eduardo Miranda - Não, sempre teve seu espaço. Há alguns anos atrás, houve a idéia de que a música eletrônica substituiria o rock, mas isso não tem nada a ver. Todos os estilos podem existir juntos. Assim também funciona com as plataformas tecnológicas. Tem espaço para a fita, vinil, CD, MP3, ou seja, para tudo. O portal *My Space*¹ é um ambiente que dá a chance para compartilhar arquivos, vídeos e até criar o seu *site*. Essa é uma das brechas para os novos talentos.

¹ www.myspace.com

Direitos autorais, jabá e música

ENTREVISTA COM DÉBORA SZTAJNBERG

Direito autoral e música tem tudo a ver. Com o rock não é diferente. Só para lembrar de um caso em que os direitos autorais foram desrespeitados no mundo da música: Rod Stewart, cantor inglês, plagiou a canção Taj Mahal, do brasileiro Jorge Benjor, e gravou Do ya think I'm sexy. O caso gerou processo, e Benjor venceu a causa. Para refletir sobre direitos autorais, bem como sobre a prática do jabá, a IHU On-Line entrevistou por e-mail a advogada Débora Sztajnberg. Sobre o jabá, Débora assinala que, após o esforço (nacional e internacional) para denunciar essa prática, os próprios artistas foram se conscientizando, e “está havendo um certo constrangimento nos praticantes deste ilícito. Aos poucos, principalmente depois da condenação americana de uma grande gravadora, a tendência é a retração dessa prática aliada às diversas campanhas demonstrando seus danos”. Questionada sobre quais precauções se deve tomar para evitar problemas com direitos autorais em relação à música, ela enfatizou que é preciso registrar a música, cadastrar os dados quanto ao fonograma e a ficha técnica para evitar colidências e duplicidade de dados.

Sztajnberg é mestra em direito empresarial e pós-graduada em gerência da indústria do entretenimento. Advogada de diversos artistas e produtores, bem como assessora de inúmeras casas de espetáculos e empresas do ramo, leciona em cursos de pós-graduação relacionados à cultura e entretenimento. Escreveu O Show Não Pode Parar: Direito do Entretenimento no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Espaço Jurídico, 2003.



IHU On-Line - Quais são os maiores avanços e salvaguardas proporcionados pela Lei de Direito Autoral Brasileira?

Débora Sztajnberg - Os maiores avanços são, certamente, quanto aos tipos de mídia, pois a tecnologia evolui muito rápido e seria impossível o Direito acompanhar. Assim, a lei previu mídias existentes, mas também as que poderão vir a existir.

IHU On-Line - Que tipo de precauções é necessário tomar para evitar problemas de direito autoral especificamente no que diz respeito à música?

Débora Sztajnberg - As precauções são várias. Elas vão desde o registro da música em si, até o perfeito cadastramento dos dados quanto ao fonograma e a ficha técnica para evitar colidências e duplicidade de dados.

IHU On-Line - A senhora condena a prática do jabá. Em regra geral, como está essa situação no rock brasileiro? A senhora poderia dar algum exemplo de situações que acompanhou e que foram coibidas?

Débora Sztajnberg - Após o esforço (nacional e internacional) no sentido de denunciar o jabá, os próprios artistas aos poucos estão se conscientizando. Está havendo um certo constrangimento dos praticantes deste ilícito, os quais estão tentando trocar as quantias em dinheiro por datas de show. Aos poucos, principalmente depois da condenação americana de uma grande gravadora, a tendência é a retração dessa prática aliada às diversas campanhas demonstrando seus danos.

IHU On-Line - Como fica a questão do direito autoral em relação às novas tecnologias, como o MP3? Os sites de baixar músicas ferem o direito autoral?

Débora Sztajnberg - Se os artistas autorizam a disponibilização das músicas, entendemos que não. O problema é quando não há autorização.

IHU On-Line - Como está hoje a questão do registro exigido dos músicos pela OMB? Quais são as contrapartidas oferecidas pela instituição em defesa dos direitos dos músicos?

Débora Sztajnberg - Nenhuma. A OMB hoje precisa ser totalmente reformulada pela total rejeição da própria classe, a qual deveria servir de amparo e suporte.

IHU On-Line - Como são as legislações de direito autoral de outros países?

Débora Sztajnberg - São semelhantes à nossa, mas com pequenas modificações, principalmente quanto ao sistema de cobrança.

IHU On-Line - E quais são as principais diferenças em relação à legislação brasileira?

Débora Sztajnberg - Acredito que seja a centralização da arrecadação.

IHU On-Line - Como é possível que grandes empresas de comunicação - em alguns casos - não efetuem pagamento de direito autoral?

Débora Sztajnberg - Na verdade, muitas pessoas pensam que elas não pagam, mas não é exatamente isso. Geralmente, elas depositam em juízo, pois estão discutindo os percentuais de arrecadação, salvo no caso da MTV, que ganhou na justiça o direito de negociar com os próprios artistas.

Teologia Pública

O Grande Silêncio

FICHA TÉCNICA:

O Grande Silêncio

Título Original: Die Grosse Stille

Diretor: Philip Gröning

Nacionalidade: França/Suíça/Alemanha, 2005.

O Grande Silêncio (Die Grosse Stille), filme de Philip Gröning, ganhou o prêmio europeu de melhor documentário do ano passado. No dia 23 de março, sexta-feira, às 15h30min, o documentário será exibido e comentado no Instituto Humanitas Unisinos - IHU.

Faustino Teixeira, professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, MG - PPCIR-UFJF -, depois de ter visto várias vezes o filme, escreveu o comentário que publicamos abaixo.

Faustino Teixeira é doutor e pós-doutor em teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma. Ele é autor de uma vasta obra teológica, especialmente no que se refere à teologia do diálogo inter-religioso. Ele é um grande parceiro do IHU. Entre suas obras citamos os livros, por ele organizados, Nas teias da delicadeza. São Paulo: Paulinas, 2006; As religiões no Brasil: continuidades e rupturas. Petrópolis: Vozes, 2006, organizado com Renata Menezes. Pierre Sanchis fez uma resenha deste livro que foi publicada na revista IHU On-Line, no. 195, 11-09-2006.

“QUANDO SE AQUIETAM OS LÁBIOS, MIL LÍNGUAS FEREM O CORAÇÃO”
RÛMÎ

Não há como escapar de um grande deleite estético e espiritual ao se defrontar com o excelente filme de Philip Gröning⁹⁴, “O grande silêncio” (*Die Große Stille* - 2005). Trata-se de uma obra singular, de grande sedução cinematográfica, que foge aos padrões usuais e possibilita a recuperação do significado de um tempo que revela “efeitos especiais interiores”. A idéia da filmagem nasceu em 1984, quando o diretor entrou em contato com os responsáveis da Grande Cartuxa (La Grande Chartreuse), nos alpes franceses, ao norte de Grenoble, a casa mãe da ordem dos cartuchos, fundada por São Bruno de Colônia (1030-1101), em 1084 (séc. XI). A resposta à solicitação de filmagem só veio em 1999, ou seja, 15 anos depois da solicitação feita. As condições para a sua realização estavam bem definidas: o diretor deveria permanecer hospedado no eremitério francês, conviver com a comunidade, sem poder fazer recurso a nenhuma iluminação artificial e sem poder contar com técnicos de apoio. O trabalho foi realizado pessoalmente por ele, durante os seis meses em que viveu, como os monges, numa das celas da comunidade. O cineasta recorda que foram tempos difíceis para ele, sobretudo no início, de adaptação à vida de solidão e à alimentação natural. Foram cerca de 300 horas de filmagem, que resultaram num filme de 164 minutos. Relata-se de forma muito rica e fidedigna a vida contemplativa, o ritmo, a repetição e o tempo do “silêncio eloqüente” que marca o cotidiano de 37 monges cartuxos que dedicam sua vida à experiência de amor a Deus. A técnica cinematográfica é inovadora. O diretor recorreu a uma tecnologia de última geração. Toda a filmagem é feita em alta definição, possibilitando uma percepção singular da vida contemplativa em nuances inusitadas. É um

“filme de autor”, marcado por grande liberdade, que rompe os rótulos e os efeitos das grandes produções em curso. É um filme pontuado pela lógica da paciência, cujo ritmo é leve, pacato, lento. Há um respeito profundo pela temporalidade dos monges. A câmera cinematográfica não invade a privacidade dos eremitas, mas é acolhida com carinho, já que consegue sintonizar-se com a dinâmica vital de cada participante.

O tempo é o grande protagonista deste belo filme, mas percebido no ritmo dos monges. A opção do diretor é deixar falar o silêncio que habita a Grande Cartuxa, e falar por si mesmo. São densas e longas as tomadas que captam cada detalhe da vida cotidiana dos monges: a expressão dos rostos, o rumor dos passos nos grandes corredores, o vigor da noite em sua “solidão sonora”, o barulho da chuva, a madeira que queima e estala na estufa, os detalhes das frutas na bandeja, do copo com água sobre a mesa, da bacia que balança, da pá que remove a neve; e também a presença dos animais com seus guizos, o balanço da neve, o canto gregoriano e o ritmo dos sinos. E como são belos os toques dos sinos neste filme! E nada é feito com pressa. É como se o diretor buscasse provocar no espectador interrogações substantivas sob a forma como a vida vem sendo levada em nosso tempo, onde a gratuidade escapa por todos os poros. Há uma intenção de expressar não apenas os rumores do silêncio, mas também de educar o olhar para a percepção dos pequenos sinais, dos detalhes que sempre escapam daqueles que vivem sob o domínio da pressa e da busca de êxito. Os detalhes são inúmeros e ricos: o trabalho na cozinha e na cela, o ritmo da alimentação tranqüila, o recolhimento em oração, o monge que alimenta o gato, a alegria e gratuidade na descida sobre a neve. As imagens da natureza também são esplêndidas, como a das árvores que dançam sob o

⁹⁴ Confira uma entrevista com o diretor nas Notícias Diárias do sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) do dia 7-3-2007. (Nota da *IHU On-Line*)

ritmo do vento e do lindo céu que abraça e protege a paisagem. Nada escapa ao olhar atento do diretor, que como um antropólogo do espírito, desvenda paisagens inusitadas e provoca uma sedução que estava adormecida. Como sublinha Olegário González de Cardedal, em belo artigo sobre o filme publicado em fevereiro de 2002, nas Notícias Diárias⁹⁵, “o espectador vai percebendo lentamente que o pano de fundo do filme é justamente o que não se vê e é isso que o alimenta. A sucessão de cenas, rostos, ruídos, cantos e neve é o acorde de uma presença interior que lhe dá conteúdo. O filme é o relato da presença silenciosa e sonora de Deus na vida de alguns homens para quem Ele é tudo, mas que não interfere em nada, de forma que tudo discorre na luz de seu rosto”.

Pontuando a mudança das cenas há belas passagens bíblicas e da tradição que indicam a dinâmica e o sentido da vida contemplativa: uma vida de pessoas que foram seduzidas pelo mistério maior, que estão atentas para vislumbrar a leve brisa que traz o rosto amado. Numa dessas passagens se diz: “Isso é o silêncio: deixar que o Senhor pronuncie em nós uma palavra igual a ele”. A ordem cartuxa é uma das mais tradicionais do ocidente cristão. Trata-se da única ordem monástica que preservou integralmente o ideal do monaquismo, sem nunca ter passado por uma reforma. São monges eremitas que vivem em comunidade. Os três motes que movem a vida comunitária são: silêncio, solidão e simplicidade. A ordem é também conhecida por sua sobriedade. Num dos passos das meditações de Guigo I, o prior que fixou por escrito a regra dos cartuxos no séc. XII, se diz que o monge foi criado para “ver, conhecer, amar, admirar e louvar o Senhor”, e nada mais do que isto. E de fato, os monges “vêm o invisível em cada pregação de seus hábitos”. No único momento do filme em que há a presença da palavra, o velho monge cego fala

de sua tranqüilidade diante da morte e sinaliza que “quanto mais se avizinha de Deus mais se torna feliz”.

Ao longo do filme, o diretor Philip Gröning, fixa sua câmara sobre a chama da vela, acompanha o ritmo e o movimento de suas cores que nunca se fixam, mas que estão sempre abertas pelo impulso da brisa e do vento. É esta mesma chama que concentra a atenção dos monges nas noites dos longos e lentos ofícios das Vigílias, quando transbordam a dinâmica da solidão da cela monacal e partilham a experiência comunitária. O diretor demora-se nesta tomada de cena, que marca a presença do pequeno e pálido ponto de luz ao fundo que regula e concentra a atenção dos monges na solidão da capela escurecida. É um momento sublime e forte do filme, que faz recordar a reflexão de Thomas Merton⁹⁶, sobre o “ponto virgem” (*point-vierge*), esse “pontinho de nada”, de “absoluta pobreza” e gratuidade, que esta “no centro de todos os demais amores” e que revela uma “inexprimível inocência”, indicando um horizonte que está para além das palavras. Ali concentra-se o “vasto e aberto segredo” do que é gratuito e que passa despercebido para o desatento: o paraíso da simplicidade, do esquecimento de si, da liberdade e da paz.

⁹⁶ Thomas Merton (1915-1968): monge católico cisterciense trapista, foi pioneiro no ecumenismo, no diálogo com o budismo e tradições do Oriente. O livro *Merton na intimidade - Sua Vida em Seus Diários* (Rio de Janeiro: Ficus, 2001), é uma seleção extraída dos vários volumes do diário de Thomas Merton, autor de livros famosos como *A Montanha dos Sete Patamares* (São Paulo: Itatiaia, 1998) e *Novas sementes de contemplação* (Rio de Janeiro: Ficus, 1999). O livro foi editado por Patrick Hart, também monge e colaborador de Merton. Na matéria de capa da presente edição, publicamos um artigo de Ernesto Cardenal, discípulo de Merton, que fala sobre sua relação com o monge. (Nota do IHU On-Line)

⁹⁵ www.unisinos.br/ihu (Nota da IHU On-Line)

A Grande Presença

POR CARLOS FREDERICO BARBOZA DE SOUZA

Carlos Frederico Barboza de Souza é professor de Cultura Religiosa na PUC-MG e doutorando em Ciência da Religião do PPGCIR da Universidade Federal de Juiz de Fora, pesquisa em mística comparada, também comenta o filme O Grande Silêncio de Philip Gröning.

“O Grande Silêncio”, filme produzido e dirigido pelo cineasta alemão Philip Gröning, tem enchido salas de exibição na Europa, apesar de seu estilo pouco comum para nossa época: não se utiliza de efeitos especiais e nem de elementos básicos como a iluminação; nada comum, seu ritmo, a sugerir uma comparação com a agitada movimentação presente na contemporaneidade, possui uma velocidade própria, demorando-se longamente em algumas cenas e tomadas. Além do mais, a filmagem foi realizada por apenas uma pessoa, seu diretor - o que explica, em parte, seu baixo custo para este tipo de produção -, e sua edição sugere que foi fruto de uma longa e criteriosa seleção de imagens, uma vez que o total do tempo filmado foi de 300 horas e o filme tem apenas 2 horas e quarenta minutos.

O cenário que serve de pano de fundo é a Grande Cartuxa (Grande Chartreuse), perto de Grenoble, na França, na região do maciço rochoso chamado de Vale de Chartreuse nos Alpes. É este também o local onde São Bruno (1035-1101) funda em 1084 o que seria a primeira comunidade desta ordem que ficou conhecida como Cartuxa e tem sua singularidade na vivência da vida eremítica e solitária em comunidade.

A maior parte da vida de um cartuxo se passa na solidão de sua cela, embora alguns se dediquem a trabalhos para a comunidade religiosa, como cozinhar, limpar o ambiente, preparar lenhas para o aquecimento, etc., e para isso tenham que ficar um bom tempo fora

dela. A cela cartusiana é como uma pequena casa, dividida em vários aposentos dedicados à atividades específicas como a oração e o trabalho, além de possuir um pequeno jardim e uma ante-sala chamada Ave Maria que é um cômodo na entrada da cela dedicado à Maria e na qual o monge se detém ao entrar e sair. Segundo a tradição mística cartusiana, o monge leva sua vida oculta e solitária no “Coração da Virgem Mãe”. A sala na qual ele se dedica à oração é dividida em dois espaços: uma alcova em que se encontra o oratório para suas orações e outro espaço dedicado ao estudo e leitura espiritual. Além disso, normalmente existe uma varanda coberta para que o monge possa se locomover nos dias de árduo inverno e neve. Estas celas encontram-se unidas a um claustro que conduz à igreja, centro da vida destes eremitas.

O dia de um cartuxo é todo ele marcado por momentos oracionais em conjunto ou solitariamente nas celas e se distribui entre a realização de trabalhos manuais ou intelectuais, canto ou recitação do Ofício Divino e a leitura espiritual ou o estudo. Normalmente, já nas primeiras horas do dia, ele inicia a Prima⁹⁷ na sua cela e logo em seguida se dirige à igreja para a Eucaristia. Após este primeiro momento comunitário, retira-se para a cela, onde rezará as demais horas e terá suas refeições e trabalhos, só saindo de lá para as Vésperas, normalmente

⁹⁷ Trata-se das horas do Ofício Divino. (Nota da *IHU On-Line*)

no meio da tarde. Voltará a sair da cela novamente para cantar o ofício da Vigília⁹⁸, que se realiza por volta das 23 horas, após quatro horas de sono. Este ofício dura ao redor de três horas e de novo os monges retornam às suas celas para mais um período de quatro horas de sono antes de reiniciarem o dia. Esta rotina cotidiana só é alterada nos domingos e solenidades, que incluem um passeio dois a dois ou em comunidade ao redor do mosteiro por cerca de duas ou três horas e também o almoço no refeitório em silêncio e em comum, ouvindo alguma leitura edificante enquanto se alimentam.

É a partir desta ambientação que Philip Gröning nos propõe uma espécie de contemplação sobre o silêncio e a vivência do tempo marcado pela comunicação com Deus que organiza toda a vida cartusiana.

O filme inicia-se com as seguintes palavras: “Somente em completo silêncio se começa a escutar; somente quando a linguagem cessa se começa a ver”. Depois destas palavras, foca-se num monge totalmente absorto em oração dentro de sua cela. A seguir, após uma cena do céu e do fogo, aparece a citação de I Rs 19, 11-13: é o relato da experiência de Elias no Horeb, que ocorre depois de uma longa jornada pelo deserto fugindo da perseguição da rainha Jezabel (I Rs 18, 20-40). Ele se encontra numa gruta e não reconhece a presença divina nem no “furacão que fendia as montanhas”, nem no terremoto e nem no fogo, mas apenas no “murmúrio de uma brisa suave”.

A seguir, se desenrolam cenas do cotidiano repetitivo dos cartuxos, marcados pelas mudanças das estações do ano e ritmados pela oração e comunhão com Deus em

⁹⁸ **Vigília:** é um estado ordinário de consciência, complementar ao estado de sono, ocorrente no ser humano e noutros animais superiores, em que há máxima ou plena manifestação da atividade perceptivo-sensorial e motora voluntária. (Nota *IHU On-Line*)

meio aos trabalhos realizados. São cenas que envolvem a oração na cela e na igreja, trabalhos, recreação em comum, acolhida a dois noviços, refeição, etc. Estas cenas são entremeadas pelo ambiente físico de cunho religioso (imagens de santos, pia da água benta, etc.), natural (fogo, neve, montanhas, a passagem do dia à noite, etc.) ou por objetos úteis nas tarefas cotidianas (pratos, copos, botões, etc.). Todos estes elementos compõem cenas em que transparecem a economia nos gestos e decoração, a inexistência do supérfluo, a praticidade e a organização sóbria e centrada no que é essencial.

Além destas imagens, é interessante perceber o tom de Sagrado presente em tudo. No canto dos salmos, sempre a introduzir elementos bíblicos e a esperança em Deus, Companheiro a habitar a solidão cartusiana; também nos textos selecionados que são colocados em vários momentos do filme, a indicar a sedução para a solidão, o despojamento que o convite divino instaura como caminho de plenitude na vida destas pessoas e a necessária transformação pessoal para que se possa viver o encontro com Deus manifestado no projeto de vida cartusiano.

Este projeto é expresso na recepção dos noviços: “Estejam prontos para abraçar o nosso tipo de vida monástica como uma via através da qual Deus vos guiará até o santuário interior da vossa alma, lá onde Ele deseja revelar a Sua presença”. A presença forte do Mistério Sagrado ainda se encontra na conversa serena com o monge cego sobre a morte, a alegria do encontro com Deus que ela propicia e a concepção de tempo sagrado na qual só se vive o hoje, o presente, o Kairós⁹⁹. É a opinião de quem encara com naturalidade tudo isto porque aprendeu a conviver com a condição humana em

⁹⁹ **Kairós:** antiga palavra grega que significa “o momento certo” ou “oportuno”. (Nota *IHU On-Line*)

sua concretude, finitude e perecibilidade. E esta forte Presença é que é capaz de transformar toda a rotina em Encontro e Comunicação, pois “Diante da imensidão desta Presença, o monge adotará espontaneamente, uma atitude de quietude apaixonada que, pouco a pouco, se apossará de toda a sua existência, convertendo-a em oração.”¹⁰⁰. Neste sentido, este filme, mais que falar do silêncio, fala da comunicação sutil entre Deus e estes monges e da comunicação existente nesta comunidade.

Porém, este Sagrado experimentado na vida cartusiana, não é oposto à condição humana. Aliás, o encontro com este Mistério é humanizante, uma vez que é capaz de “tirar o coração de pedra e colocar no lugar um coração de carne” (cf. Ez 36, 26). A humanidade é realçada, sobretudo na exposição simples de elementos cotidianos de suas vidas: na conversa com os gatos, na brincadeira durante a recreação e no prazer pueril de deslizar na neve, na conversa sobre uma viagem a ser feita, em alguns olhares com um leve sorriso para a câmera, no alimentar-se e nos trabalhos manuais, nos bilhetes revelando o que cada um necessita, no sentar-se no chão, etc. Nesta simplicidade, aparece também a importância da vida fraterna, mesmo neste ambiente austero e solitário: abundam os gestos de afeto, de cortesia, de acolhida, de cuidado de um para com o outro, seja no preparo dos alimentos, na costura das roupas, na limpeza, no corte dos cabelos, no passar pomada no corpo de outro monge... Enfim, nos pequenos cuidados que a vida cotidiana exige de cada um para que tudo ande bem e a vocação a que se sentem chamados possa ser realizada.

Esta vivência da fraternidade e do desprendimento parece apontar para um sentido profético da vocação monástica em sua radicalidade: a abertura ao Absoluto e

¹⁰⁰ Thomas MERTON. *Vida contemplativa en la Trapa*. Azul: Comunidades Trapenses, 1976, p. 54.

a vida pautada por valores nascidos do encontro com o Sagrado, podem indicar que é possível e necessária a construção de uma sociedade que se pautar mais pela justiça, solidariedade e verdade nas relações interpessoais e sociais e nos faz sonhar com um futuro de harmonia e de comunhão entre os seres todos e com Deus. Também possuem uma dimensão escatológica, pois nos propiciam uma reflexão sobre o sentido último da realidade e das coisas que nos cercam e com as quais convivemos, muitas vezes absolutizando-as e tornando-nos escravos delas e coisificando nossas relações com as pessoas e com o próprio Deus. Além do mais, esta vocação não é resultado de uma proposta individualista, mas é vivida no compromisso com a humanidade, pois “Separados de todos, estamos unidos a todos já que é em nome de todos que nos mantemos na presença do Deus vivo” (Estatuto da Ordem dos Cartuxos 34.2), sendo solidários com todos os que sofrem.

O filme termina retomando as cenas iniciais do monge absorto em oração e novamente entra a citação de I Rs 19, 11-13, que é um ótimo retrato de todo trabalho apresentado e da vida dos cartuxos: nada de extraordinário ocorreu. Nada de fantástico. Somente homens frágeis e simples - e aqui está o extraordinário -, vivendo compenetradamente a busca de se centrar no Absoluto de Deus e escutar Sua voz. Somente neste silêncio se é capaz de perceber o murmúrio suave de Sua voz, obedecê-La e viver sem medo de encontrá-La. Neste sentido é que gostaria de reproduzir aqui um texto presente no diário de Thomas Merton: “A grande alegria da vida solitária não se encontra simplesmente na quietude, na beleza e na paz da natureza, do canto nos pássaros, etc., nem na paz do coração da própria pessoa, mas no despertar e sintonizar o coração com a voz de Deus - com a certeza íntima, inexplicável, serena, definida da vocação para obedecê-Lo, para ouvi-Lo, para adorá-Lo aqui, agora, hoje, em silêncio e sozinho, e que

é essa toda a razão da existência, isso que torna a existência fecunda e dá fecundidade a todos os outros (bons) atos da pessoa em pauta e é a redenção e purificação de seu coração, que esteve morto em pecado. Não é simplesmente uma questão de ‘existir’ sozinho, e sim de fazer, com compreensão e alegria, ‘o trabalho de cela’, que é feito em silêncio e não de acordo com a escolha pessoal ou a pressão das necessidades, mas em obediência a Deus. Como a voz de Deus não é ‘ouvida’ a todo instante, parte do ‘trabalho de cela’ é atenção, para que nenhum dos sons dessa Voz possa ficar perdido. Quando vemos quão pouco nós ouvimos, e quão obstinados e grosseiros são os nossos corações, percebemos como o trabalho é importante e como estamos mal preparados para fazê-lo.”¹⁰¹.

É um filme rico que além de apresentar a vida em uma comunidade organizada a partir de um ideal contemplativo, propõe uma reflexão sobre a condição humana em sua riqueza e finitude, sobre a sociedade, as relações estabelecidas com as coisas e a natureza e, sobretudo, aponta para a dimensão de interioridade presente em toda pessoa e que precisa ser recordada. Somente o cultivo desta dimensão é que permite perceber que a realidade é habitada por algo da ordem do indizível, do inominável, do inapreensível por nossos conceitos e categorias.

¹⁰¹ Thomas MERTON. *Merton na Intimidade*. Rio de Janeiro: Editora Físis, 2001, p. 285.

Livro da Semana

PAUL VEYNE, QUAND NOTRE MONDE EST DEvenu CHRÉTIEN. PARIS: ALBIN MICHEL, 2007.

Maurice Sartre, professor de história antiga na Universidade François Rabelais de Tours e membro sênior do Institut Universitaire de France e autor do livro, entre outros, de D'Alexandre à Zénobie. Histoire du Levant antique. IVe siècle avant J.-C. - IIIe siècle après J.-C. Paris: Fayard, 2003, em artigo publicado no jornal Le Monde, 09-03-2007, comenta o novo livro de Paul Veyne.

Paul Veyne é professor de História Antiga especializado na história do império romano. É professor no Collège de France. Entre muitos outros livros, é autor de L'Empire Greco-Romain. Paris: Seuil, 2003.

O artigo de Maurice Sartre foi traduzido pelo Cepat.

Constantino, o inventor da cristandade

Como e por que o Império romano pagão se tornou cristão? A esta questão complexa, Paul Veyne dá uma resposta simples e que surpreenderá: porque isso foi do agrado de Constantino! Em suma, um capricho, mas o capricho de um poderoso tem conseqüências que o de um homem simples não teria. E um capricho ditado pela piedade: depois da batalha da Ponte Milvius, em 28 de outubro de 312, Constantino é persuadido que o Deus único lhe concedeu a vitória. Ele se faz cristão, profunda e sinceramente. E não duvida da superioridade desta verdade sobre o paganismo majoritário. Nenhum cálculo político, nenhuma ideologia a habitam: afinal de contas, 90% dos habitantes do império ainda são pagãos, e é preciso ter uma fé a toda prova para ir assim na contracorrente, mesmo para um imperador. Mas Constantino, estima Paul Veyne, é um revolucionário, e dos verdadeiros.

A tese suscitará reações, mas, como todos os livros de Paul Veyne, esse tem o mérito de ir às origens, de nos colocar diante dos olhos a evidência dos fatos e de desmascarar os falsos semblantes. Bem longe de pensar que o cristianismo se inscreve numa evolução lógica do

pensamento religioso, ou, pior ainda, que corresponde a uma esperança inelutável da sociedade, Veyne insiste, ao contrário, na sua absoluta novidade. Religião do amor onde a moral tem a primazia sobre o rito, o cristianismo convida o fiel a se perguntar se Deus está contente com ele, enquanto os pagãos mediam as honras prestadas aos seus deuses à parte proporcional da satisfação que eles lhes concediam: não se havia visto fiéis descontentes derrubar estátuas ou apedrejar templos, como acontece hoje diante de um Ministério ou de uma embaixada estrangeira? Enquanto os cultos orientais (dir-se-á antes os cultos de salvação) não são senão cultos pagãos banais tingidos de um pouco de Oriente, o cristianismo instaura uma ruptura radical. Inútil, portanto, invocar um "estado da sociedade" propício a esta evolução. Esta nova concepção religiosa tem de repente a chance, depois de três séculos de indiferença ou de desconfiança (porque a perseguição tornou-se rara), de se beneficiar de uma atitude que muda tudo: o apoio oficial do homem mais poderoso do Império!

Mudança do mundo

Porque sem a vontade de Constantino a cristianização poderia não ter acontecido. A escolha pessoal de Constantino provoca uma radical transformação do mundo: quando, em 312, o cristianismo é tolerado, em 324 é o paganismo que se encontra nesta posição incerta. Portanto, o príncipe não constrange ninguém e recusa as conversões forçadas... Mudança do império, mas também mudança da Igreja, que se originou e se desenvolveu fora do poder imperial, e onde a solidez contribui para o sucesso da empresa constantiniana. Mas a Igreja interpõe problemas ao imperador, pois como esta pode tolerar um rival? Desde 313 o tom foi dado, quando o imperador interveio pessoalmente numa crise interna da Igreja, a crise donatista. Ele se coloca conjuntamente como um interlocutor de igual para igual com os bispos, seus "irmãos", e se oferece como o braço executivo de suas decisões.

Esta mudança revolucionária operada desde 312, não resta menos que o século inteiro resta incerto. O que o capricho de um príncipe quis, o capricho de outro podia desfazer: Juliano o Apóstata (361-363) o tentou, mas sua morte prematura arruinou sua empresa. E talvez fosse muito tarde, porque, em meio século, o número dos cristãos, por convicção, por interesse ou por lassidão, cresceu consideravelmente. Quando o chefe germânico Arbogasto, pagão, tenta opor o usurpador Eugênio ao muito cristão Teodósio, abre-se, por um instante, a possibilidade de o Ocidente, nos anos 392-393, voltar ao

belo tempo do paganismo. Teodósio não podia fazer mais que retrucar proibindo qualquer prática pagã. A derrota de Eugênio na batalha da Rivière Froide, nas proximidades de Aquiléia, Itália (6 de setembro de 394), pôs um fim a esta última tentativa de restauração. Daí em diante o campo ficou livre para empreender a cristianização em profundidade da sociedade. Dois ou três séculos mais tarde, não se está certo de que a tarefa tenha sido concluída e o que foi adquirido o tenha sido mais pelo peso do conformismo do que por uma adesão refletida.

Resumir as teses de Veyne é privar o leitor de um desenvolvimento, de uma liberdade de tom inimitável. Porque, para além do fio condutor indicado pelo título do livro, Veyne aborda cem questões: a essência do sentimento religioso, a natureza do anti-semitismo cristão comparado ao antijudaísmo pagão (quando o pagão censurava o judeu por ser outro, o cristão o condenava por ser apenas seu meio-irmão), as relações entre o poder e o vanguardismo, e mesmo, num capítulo ilustrativo, as ilusórias raízes cristãs da Europa. Sempre concreto, desconfiando das idéias gerais que são ainda mais freqüentemente falsas que banais, o historiador de Roma nos desconcerta, uma vez mais, e, uma vez mais, nos encanta.

Análise de Conjuntura

A página do IHU - www.unisinos.br/ihu - publica diariamente, durante os sete dias da semana, as Notícias Diárias e a Entrevista do dia.

É um serviço disponibilizado para quem se interessa em acompanhar os principais fatos e acontecimentos políticos, econômicos, sociais, culturais, ambientais e religiosos da contemporaneidade.

A partir das Notícias Diárias e da Entrevista do Dia, o Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT - com sede em Curitiba, parceiro estratégico do IHU, elabora uma análise da conjuntura, em fina sintonia com a missão e as linhas estratégicas do IHU, elaborados no Gênese, Missão e Rotas, disponível na página do Instituto.

A última análise é do dia 13-3-2007 e pode ser acessada no endereço www.unisinos.br/ihu

A próxima análise estará disponível no final da tarde de terça-feira e será comunicada na newsletter enviada aos cadastrados na quarta-feira.

Para se cadastrar na página do IHU clique no item "IHU por e-mail"

Destaques On-Line

Essa editoria veicula notícias e entrevistas que foram destaques nas Notícias Diárias do sítio do IHU. Apresentamos um resumo dos destaques que podem ser conferidos, na íntegra, na data correspondente.

ENTREVISTAS EXCLUSIVAS FEITAS PELA IHU ON-LINE DISPONÍVEIS NAS NOTÍCIAS DIÁRIAS DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU)

Entrevista com Lafaiete Neves

Título: O Paraná é um Estado conservador?

Confira nas Notícias Diárias do dia 13-3-2007

O Paraná é visto por muitos como um Estado conservador politicamente. Essa interpretação é questionada pelo Prof. Dr. Lafaiete Neves, do corpo docente do mestrado em Organizações e Desenvolvimento do UNIFAE do Paraná.

Entrevista com Maurício Custódio Serafim

Título: Tornar-se adulto saiu de moda

Confira nas Notícias Diárias do dia 14-3-2007

O doutorando em Administração de Empresas na FGV-EAESP, Maurício Custódio Serafim, fala sobre o processo de infantilização dos adultos de hoje.

Depoimentos de Luís Carlos Susin e Érico Hammes

Título: Jon Sobrino e a Notificação do Vaticano

Confira nas Notícias Diárias do dia 15-3-2007

A IHU On-Line conversou, por e-mail, com Frei Susin e com Padre Érico Hammes. Eles opinam sobre a notificação do Vaticano sobre as obras de Jon Sobrino e contam sobre a influência de Sobrino em suas vidas.

Entrevista com Toni André Scharlau Vieira

Título: A compra da Guaíba e do Correio do Povo pela IURD

Confira nas Notícias Diárias do dia 16-3-2007

Entrevista sobre a venda da TV e Rádio Guaíba e do Correio do Povo para a Record.

ENTREVISTAS E ARTIGOS QUE FORAM REPRODUZIDOS NAS NOTÍCIAS DIÁRIAS DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU)

Artigos de Juan José Tamayo

Título: Entre o martírio e a libertação

Confira nas Notícias Diárias do dia 13-3-2007 e 18-3-2007

Juan José Tamayo, teólogo espanhol, faz uma brilhante síntese da obra teológica de Jon Sobrino em artigo publicado no jornal El País. No domingo, dia 18, as Notícias Diárias publicou o artigo de Tamayo intitulado "Jon Sobrino: fazer teologia a partir das vítimas". "Especial relevância tem o lugar a partir de onde Sobrino faz sua reflexão sobre Jesus de Nazaré: as vítimas", afirma o teólogo.

Entrevista com Francisco García

Título: Chávez e União Européia obrigam Bush a se mover

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 13-03-2007

O analista político guatemalteco, Francisco García, classificou de positiva a presença do venezuelano Hugo Chávez na América Central e a intenção da União Européia de aumentar os vínculos com a região. Ele concedeu uma entrevista ao jornal *Folha de S. Paulo*.

Artigo de Joseba Elola**Título: A revolução do homem biônico**Confira nas *Notícias Diárias* do dia 13-03-2007

O olho biônico para cegos, o braço biônico para amputados, o chip que devolve operações a tetraplégicos...a discussão sobre os avanços da tecnologia estão no artigo de Joseba Elola.

Artigo de Eduardo Hoornaert**Título: A condenação de Jon Sobrino**Confira nas *Notícias Diárias* do dia 14-03-2007

Eduardo Hoornaert, historiador da Igreja escreve sobre a condenação de Jon Sobrino.

Entrevista com Edgar Morin**Título: O pensamento complexo e a ecologia da ação**Confira nas *Notícias Diárias* do dia 14-03-2007

O sociólogo francês, Edgar Morin, define o que entende por ecologia da ação no contexto do pensamento complexo.

Entrevista com Ignacy Sachs**Título: Brasil pode ser a primeira biocivilização da história**Confira nas *Notícias Diárias* do dia 14-03-2007

Ignacy Sachs - polonês naturalizado francês que cresceu no Brasil - falou sobre desenvolvimento sustentável, oportunidades e a maior ironia da história em entrevista concedida ao jornal **O Estado de S. Paulo**.

Artigo de Roberto DaMatta**Título: Lula em duas fotos e um gesto**Confira nas *Notícias Diárias* do dia 14-03-2007

Roberto DaMatta, antropólogo, em artigo publicado no **O Estado de S. Paulo**, reflete sobre a foto de Lula abraçado com Bush, de Lula batendo pênaltis, e sobre a sua visita a Antonio Carlos Magalhães.

Artigo de Faustino Teixeira**Título: Uma cristologia que incomoda: a notificação das obras de Jon Sobrino**Confira nas *Notícias Diárias* do dia 15-03-2007

Faustino Teixeira, doutor em teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, professor do PCIR/UFJF, escreveu um artigo sobre Jon Sobrino.

Artigo de Giuseppe Alberigo**Título: A Igreja que proíbe**Confira nas *Notícias Diárias* do dia 15-03-2007

Giuseppe Alberigo, eminente historiador da Igreja, italiano, publicou o artigo comentando a Exortação Apostólica *Sacramentum Caritatis* (Sacramento da Caridade).

Entrevista com Aziz Ab'Sáber**Título: Aquecimento é bom para a floresta**Confira nas *Notícias Diárias* do dia 15-03-2007

O geógrafo Aziz Ab'Sáber, concorda com a tese de que o homem está aquecendo o planeta. Mas, quando o assunto é o impacto da nova realidade climática nos biomas brasileiros, a tese do pesquisador contraria as previsões recentes dos cientistas.

Entrevista com Arnold Harberger**Título: É uma bênção que a esquerda tenha abraçado a ciência econômica**Confira nas *Notícias Diárias* do dia 15-03-2007

Arnold Harberger ocupa a cátedra de Economia na Universidade de Califórnia em Los Angeles (UCLA), em entrevista ao jornal *El País*, falou sobre América Latina, Bush, etanol, Friedmann entre outros polêmicos assuntos.

Entrevista com Sylviane Agacinski

Título: Mulheres. O progresso, mesmo lento, é irreversível

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 15-03-2007

Sylviane Agacinski, Professora adjunta na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, distingue entre as relações sociais de sexos e as relações sexuadas de sexos.

Entrevista com Irmã Leonora Brunetto

Título: Ativista conta como é a vida em Colniza, a cidade mais violenta do Brasil

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 15-03-2007

Irmã Leonora Brunetto, da Comissão Pastoral da Terra (CPT) de Alta Floresta, Mato Grosso, falou sobre ameaças e intimidações, que fazem parte na sua busca pelo fim da violência no campo.

Artigo de Washington Novaes

Título: E lá vem de novo o lixo dos ricos

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 16-03-2007

"Cedo ou tarde, teremos de mudar nossos modos de produzir e consumir, que são insustentáveis. Quanto antes começarmos, melhor. Para não termos, um dia, de enfrentar uma briga vergonhosa pelo 'direito' de exportar lixo para países descuidados", escreve **Washington Novaes**.

Artigo de Juan Antonio Estrada

Título: Os conflitos teológicos numa sociedade moderna

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 17-3-2007

O desafio da Igreja católica na sociedade moderna estão neste artigo do professor de Filosofia na Universidade de Granada, Espanha, **Juan Antonio Estrada**.

Análise de Raúl Zibechi

Título: A crise equatoriana

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 17-3-2007

A queda-de-braço entre os deputados e o presidente **Rafael Correa**, que instalou uma crise institucional no **Equador faz parte desta análise do jornalista e analista político uruguaio e editor do semanária Brecha, Raúl Zibechi**.

Entrevista com Grijalbo Coutinho

Título: Trabalho vive onda de precarização

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 17-3-2007

A afirmação é de **Grijalbo Coutinho**, juiz e presidente da Associação Latino-Americana de Juizes do Trabalho (ALJT) em entrevista concedida à **Gazeta do Povo** de Curitiba.

Análise de Leonardo Boff

Título: Nanotecnologia

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 17-3-2007

"Já existem atualmente cerca de 720 produtos em nanoescala, desde camisas e calças feitas com fibras à prova de amassamento e de manchas (compráveis no Shopping Eldorado de São Paulo), protetores solares e alimentos, até nanotubos de carbono substituindo o cobre e sendo dez vezes mais eficientes na condução da eletricidade", escreve **Leonardo Boff**, em artigo publicado pela **Agência Carta Maior**.

Entrevista com Luiz Felipe Pondé

Título: Um papa na contracorrente

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 18-3-2007

Uma entrevista com o professor do Departamento de Teologia da PUC-SP e da Faculdade de Comunicação da Fundação Armando Álvares Penteado, **Luiz Felipe Pondé**, sobre o papa **Joseph Ratzinger**.

Artigo de José de Souza Martins

Título: **O Vaticano retorna ao sagrado**

Confira nas Notícias Diárias do dia 18-3-2007

"Não vamos nos iludir. O papa personifica a multiplicidade de vontades que na Igreja se inquietam

com a complicada relação entre o catolicismo e a sociedade contemporânea, "em um mundo em que ao nome de Deus vem, às vezes, relacionada a vingança ou até mesmo o dever do ódio e da violência", escreve **José de Souza Martins**, sociólogo, em artigo publicado no jornal **O Estado de S. Paulo**.

Frases da Semana

Lula e o ministério

"Acho que houve poucos momentos na história do Brasil, a não ser na época do regime militar, em que um presidente tinha a tranqüilidade de montar um governo que eu estou tendo" - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - **O Estado de S. Paulo**, 14-03-2007.

"Lula gastou o tempo que quis, do modo que quis, para emergir como incontestado dono da bola, para usar uma expressão que aprecia" - editorial sobre a reforma ministerial do jornal **O Estado de S. Paulo**, 16-03-2007.

"É inegável, seja como for, que o presidente fez a reforma ao seu compasso, conforme a lógica que lhe convinha e com estoques suficientes de mercurocromo para aplicar nos ferimentos dos frustrados" - editorial sobre a reforma ministerial do jornal **O Estado de S. Paulo**, 16-03-2007.

"Difundi-se que o escolhido para a Agricultura é o maior produtor de sementes de soja. Que nada. O negócio mais produtivo de Odílio Balbinotti é um formidável laranjal. Feito com finalidades diversas, mas sempre de bons frutos financeiros, pela plantação de nomes de empregados seus como "laranjas". Em transações, é justo dizê-lo, que não discriminaram o

próprio governo Lula" - **Jânio de Freitas**, jornalista - **Folha de S. Paulo**, 18-03-2007.

"Nomeado para o Ministério da Integração Nacional, o peemedebista Geddel Vieira Lima foi Integrante dos memoráveis "anões do Orçamento". Geddel Vieira Lima e sua família são hoje proprietários de várias fazendas. É isso o que mais depressa se aproxima, no Brasil, de desenvolvimento agrário" - **Jânio de Freitas**, jornalista - **Folha de S. Paulo**, 18-03-2007.

Os heróis, segundo Lula

"Quando fico vendo os ministros, que ganhavam muito bem, virem ganhar R\$ 7 mil, R\$ 8 mil, eu falo: esses são heróis" - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - **O Globo**, 17-03-2007.

"Não posso reclamar do meu salário de R\$ 8.000. Não tem nenhum torneiro mecânico no País que ganha isso por mês" - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - **O Estado de S. Paulo**, 17-03-2007.

O segundo mandato

"Lula governa apenas a economia. O resto é quase só resto" - **Vinicius Torres Freire**, jornalista - **Folha de S. Paulo**, 16-03-2007.

"O segundo mandato é muito mais avançado do que o primeiro. O Plano de Aceleração do Crescimento é um sinal de maior mudança na área econômica" - **Maria do Rosário**, deputada federal pelo PT-RS - *Zero Hora*, 16-03-2007.

"A desenvoltura de Lula é incomum para presidentes em segundo mandato. Em geral, depois da reeleição, os políticos se fragilizam. Param de exalar perspectiva de poder. Com o petista ocorre o oposto: parece hoje mais à vontade e forte do que em 2003, quando tomou posse pela primeira vez" - **Fernando Rodrigues**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 17-03-2007.

Tucanos

"O legado de três governos estaduais é um desastre, prova de que a prioridade tucana para o ensino não gerou projeto coerente. Não resta dúvida, porém, de que sua obra conjunta (tucana) se resume a um retumbante fracasso" - editorial do jornal *Folha de S. Paulo*, 15-03-2007.

Papa é pop!

"O papa Bento 16 disse que segundo casamento é uma praga. Há controvérsias. Tem gente que acha que é só burrice" - **Tutty Vasques**, humorista - *No Mínimo*, 15-03-2007.

"Papa diz que segundo casamento é praga. Não é praga, é reincidência. Se casamento fosse bom, não tinha testemunha" - **José Simão**, humorista - *Folha de S. Paulo*, 15-03-2007.

"O papa é contra os gays, contra as feministas, contra a camisinha, contra transar antes do casamento e contra o rock. Ou seja: quero ser católico, mas o papa não deixa" - **José Simão**, humorista - *Folha de S. Paulo*, 15-03-2007.

"E sabe qual é a diferença entre casamento e prisão? É que na prisão te deixam jogar bola!" - **José Simão**, humorista - *Folha de S. Paulo*, 16-03-2007.

"Se o casamento é instituição falida para os heterossexuais, imagina para os gays" - **Clodovil Hernandes**, deputado federal pelo PTC-SP, deixando claro que não vai levantar bandeiras de minorias - *O Estado de S. Paulo*, 18-03-2007.

"Aquela história de "ela é a outra metade da minha laranja" e "ele é minha cara-metade" não convence, porque duas meias caras podem fazer uma bela cara, duas meias laranjas podem fazer uma bela laranjada, mas duas meias pessoas não fazem um casal. Um casal precisa ter duas pessoas inteiras e diferentes uma da outra" - **Lidia Rosenberg Aratangy**, psicóloga - *Veja*, 21-03-2007.

Eventos

Agenda da semana

A PROGRAMAÇÃO COMPLETA DOS EVENTOS PODE SER CONFERIDA NO SÍTIO DO IHU - WWW.UNISINOS.BR/IHU

Dia 20-3-2007

Abertura das Exposições de Arte - Estampas Religiosas

Maria Cecília Anawate e Sebastião Salgado

Páscoa 2007 - Cultura, Arte, Esperança

Dia 20-3-2007

Exibição do filme: *A igualdade é branca* (Krzysztof Kieslowski)

Prof. Dra. Fatimalei Lunardelli

Páscoa 2007 - Cultura, Arte, Esperança

Dia 21-3-2007

Um painel dos socialistas anteriores a Karl Marx: Saint-Simon, Fourier e Owen

Prof. Dr. Aloísio Teixeira

III Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia / Ciclo de Estudos Fundamentos Antropológicos da Economia

Dia 22-3-2007

O desastre ecológico do Rio dos Sinos

Prof. Dr. Uwe Horst Schulz

IHU Idéias

Dia 23-3-2007

Exibição do filme *O grande silêncio* (Philip Gröning)

Páscoa 2007 - Cultura, Arte, Esperança

Dia 24-3-2007

Exibição do filme: *Hans Staden* (Luiz Alberto Pereira)

Profa. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck

História do Brasil e Cinema II: Índios e Negros - Leitura e imagens no cinema brasileiro

Dia 24-3-2007

Exibição do filme: *Jesus de Montreal* (Denys Arcand)

Prof. Dr. José Baldissera e Prof. Dra. Cleusa Maria Andreatta

Ciclo de Filmes e Debates Jesus no cinema

Dia 26-3-2007

Exibição do filme: *A fraternidade é vermelha* (Krzysztof Kieslowski)

Prof. Dr. Eneas da Costa Souza

Páscoa 2007 - Cultura, Arte, Esperança

Dia 26-3-2007

Pecado tem ainda sentido?

Prof. Dr. Luiz Carlos Susin

Encontros de Ética

Pecado: ainda tem sentido?

ENCONTROS DE ÉTICA

Pecado: tem ainda sentido? é o tema que apresentará O Prof. Dr. Luis Carlos Susin nos Encontros de Ética da segunda-feira, 26 de março.

Luíz Carlos é graduado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). É mestre e doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG), da Roma. Trabalha como professor da graduação e pós-graduação na PUCRS, ministrando disciplinas da área de Teologia.

Encontros de Ética é uma atividade, aberta a toda comunidade acadêmica, tem entrada franca e vai das 17h30min às 19 horas, na sala 1G119 do IHU. Confira abaixo a entrevista concedida por e-mail a IHU On-Line.

IHU On-Line- O conceito de pecado original ainda cabe nos dias de hoje?

Luiz Carlos Susin- O “pecado original” é uma doutrina que teve notável função por séculos, e não pode ser simplesmente descartado. Há necessidade de nova interpretação, como tudo o que é linguagem e cultura humana com longa história. E para interpretá-lo de forma adequada e responsável, é necessário levar em conta diferentes aspectos: a) o problema do mal e da sua origem, um estudo que ganha muito quando se confronta diferentes vertentes interpretativas desde diferentes culturas humanas. b) a forma como a Escritura judaico-cristã retoma e dá a sua própria interpretação desta questão crucial das origens do mal. Na Escritura encontramos já uma progressão na compreensão e, inclusive, uma certa pluralidade de visões. c) O contexto dos primeiros séculos da Igreja em que a doutrina foi elaborada, sobretudo o discernimento diante da influência gnóstica e a necessidade, por parte dos pensadores cristãos como Agostinho e Pelágio, de esclarecer a visão especificamente cristã. e) finalmente, em que consistiu a resposta doutrinal cristã. Terminada esta primeira parte, é necessário empreender uma segunda parte, a de reinterpretar a mesma doutrina no contexto contemporâneo, o que levanta um número igual de itens: o atual conhecimento a respeito das origens do mal, utilizando de forma interdisciplinar sobretudo as ciências humanas; Há também necessidade de um conhecimento exegético atualizado do Gênesis e do desdobramento dos primeiros onze capítulos no conjunto das Escrituras. Estou trabalhando com a interpretação de Paul Ricoeur¹⁰², de Franz Hinkelammert¹⁰³ e de outros,

¹⁰² **Paul Ricoeur** (1913-2005): filósofo e pensador europeu do período pós-guerra. Estabeleceu uma ligação entre a fenomenologia e a análise contemporânea da linguagem através da teoria da metáfora, do mito e do modelo científico. (Nota *IHU On-Line*)

que distinguem entre mal e pecado, e que distinguem entre transgressão como forma de autonomia necessária e como violência. Finalmente, entre Adão e Eva que assumem a condição humana com seus males e Caim que realmente comete o primeiro pecado humano e desencadeia uma descendência de violência.

IHU On-Line- Em que diferentes situações podemos estar transgredindo a lei de Deus?

Luiz Carlos Susin- A resposta a esta pergunta supõe muito saber prévio. João Paulo II acrescentou à célebre afirmação de Pio XII - “o maior pecado de nosso tempo é a perda da consciência de pecado” - que, na verdade, o maior drama do nosso tempo está na perda da consciência de “valor”. A transgressão só pode ser percebida quando se tem consciência do que seja um valor e da transgressão desse valor. Valores muito gerais não são problema. Por exemplo, a vida, o amor, a justiça. Disso ninguém duvida. Mas estes valores se concretizam em normas, eventualmente até em leis jurídicas. Por exemplo, a fidelidade conjugal. Dentro da norma há um valor. Mas pode haver dissociação entre valores e leis. Pode acontecer que, para realizar certos valores, seja necessário transgredir leis inadequadas. Até com Jesus aconteceu isso. Um discernimento e uma liberdade de espírito são absolutamente necessários em termos morais.

IHU On-Line- Com tratar a culpa e o arrependimento?

Luiz Carlos Susin- A culpa resulta de uma consciência que se sente responsável por um mal feito. Evidentemente as ciências humanas desvendaram muito condicionamento das consciências, e inclusive muita patologia: sentimentos de culpa que não são culpa real.

¹⁰³ **Franz Hinkelammert:** filósofo e economista alemão. (Nota *IHU On-Line*)

Tudo isso precisa ser discernido. Mas a culpa faz parte de nosso caminho de amadurecimento humano, de nossa responsabilidade por nós mesmos, de nossos riscos e de nossa dignidade que está na medida de nossa responsabilidade. Já se disse de forma muito grotesca que os monoteísmos do oriente Médio - o judaísmo, o cristianismo e o islamismo - são as religiões da culpa. Ou do “dever”. Na verdade são religiões da responsabilidade e da interlocução pessoal com um Deus pessoal. É claro que se pode decair em culpas doentias e se pode explorar e abusar da culpa. Mas isso não retira o que há de positivo e de humano na admissão de culpa, no arrependimento. O arrependimento tem uma conotação de “voltar atrás”, de dar marcha ré. Supõe que se está consciente de um caminho errado, de um excesso ou de uma extrapolação. Ele é acompanhado do sentimento de vergonha, que pode ter os mesmos equívocos da culpa, mas também revela a mesma grandeza e as mesmas possibilidades da culpa: baixar os olhos para purificá-los e levantar depois com nova luminosidade.

IHU On-Line- O que é o pecado social e qual a sua diferença para o pecado mortal?

Luiz Carlos Susin- O “pecado mortal” tem uma antiga tradição no discernimento do que seja mais grave ou não em termos de erros cometidos com consciência e liberdade. O pecado mortal é sempre o mais grave, o que produz alguma forma de ‘morte’ em algum ponto. A expressão “pecado social” veio, ultimamente, corrigir a redução do pecado ao foro quase exclusivamente individual. Trata-se de considerar a responsabilidade conjunta por erros que todos, como sociedade inteira, cometemos. Não importa, nesse caso, se estou individualmente praticando um erro, como uma injustiça diante de uma minoria social, por exemplo. Enquanto membro da sociedade que pratica esta injustiça, eu assumo junto este “pecado social”. De acordo com a modo do erro se discerne também o modo de reparação. No caso de um pecado social, somente engajando-se na mudança da sociedade se supera este pecado.

Hans Staden: um tupinambá?

ENTREVISTA COM ELIANE CRISTINA DECKMANN FLECK

A historiadora Eliane Cristina Deckmann Fleck, docente da Unisinos na Graduação e no PPG de História e autora de Intérpretes do Brasil: Cultura e Identidade, vai comentar e debater no dia 24-03-2007 o evento História do Brasil e Cinema II: Índios e Negros - Leitura e imagens no cinema brasileiro. O pano de fundo para a discussão será o filme Hans Staden (2000), de Luiz Alberto Pereira. O filme conta a história do soldado e marinheiro alemão Hans Staden, que, no início do século XVI, foi capturado por uma tribo indígena brasileira, inimiga dos colonizadores portugueses.

IHU On-Line - De que maneira o cinema brasileiro fala em índios? Como eles são representados?

Eliane Fleck - Segundo Edgar Teodoro da Cunha¹⁰⁴, desde o começo do século XX, filmes sobre a temática indígena vêm sendo produzidos no Brasil e mesmo no exterior, o que se traduziu numa expressiva filmografia que focaliza o índio brasileiro de formas muito variadas, as quais reafirmam, sobretudo, um imaginário social já consagrado sobre ele. Nesta filmografia, encontramos tanto os grupos reais contatados por Rondon¹⁰⁵ na primeira década do século XX quanto os índios tomados de empréstimo da literatura romântica, que continuam alcançando mais facilmente o imaginário do espectador. A grande novidade neste processo, especialmente a partir da década de 1990, é a produção de documentários feitos pelos próprios indígenas - que recorrem à memória da comunidade para contar suas experiências -, o que tem permitido uma modificação considerável da visibilidade dos índios na sociedade nacional. Neste sentido, é interessante referir que o Brasil participou em dezembro de 2006 do Festival de

¹⁰⁴ Edgar Teodoro da Cunha: doutor em antropologia pela USP e coordenador do curso de pós-graduação em Cinema Documentário da FGV/CPDOC/EESP. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁰⁵ Marechal Cândido Rondon (1865-1958): militar e sertanista brasileiro. (Nota da *IHU On-Line*)

Cinema Indígena em Nova Iorque, juntamente com representantes indígenas de países como Bolívia, Canadá, Chile, Colômbia, Equador, Estados Unidos, Guatemala, Havai, México e Peru.

IHU On-Line - Tem algum filme específico que faça uma boa reflexão sobre índios no cinema?

Eliane Fleck - Em princípio, todos os filmes de reconstituição histórica ou não que abordem direta ou indiretamente a temática indígena - desde que abordados a partir de uma proposta crítica de análise - podem contribuir para a reflexão sobre as visões e estereótipos consagrados e sobre a situação atual dos indígenas em nossa sociedade. Eu recomendaria - enfaticamente - que os interessados em discutir a imagem do índio no cinema brasileiro procurassem ler os artigos do Prof. Robert Stam¹⁰⁶, da Universidade de Nova Iorque, ou assistissem à vídeo-conferência que ele proferiu, em 2002, na Universidade Federal da Bahia, na qual ele reconstituiu a trajetória do cinema brasileiro a

¹⁰⁶ Robert Stam: é professor transdisciplinar da Universidade de Nova York. É autor de 15 livros sobre cinema e literatura, cinema e estudos culturais, incluindo *Brazilian cinema, Reflexivity in film and literature, Subversive pleasure, Tropical multiculturalism, Film theory: an introduction, literature through film* e *François Truffaut and friends*. (Nota da *IHU On-Line*)

partir das diferentes visões que o índio brasileiro recebeu ou vem recebendo.

IHU On-Line - Sobre o filme Hans Staden, quais suas observações?

Eliane Fleck - O filme *Hans Staden*, de 2000, conta a história do aventureiro e artilheiro alemão de mesmo nome que naufragou no litoral de Santa Catarina em 1550 e que, feito prisioneiro por nove meses, quase foi devorado pelos índios tupinambás. O filme do cineasta paulista Luiz Alberto Pereira se inseriu no contexto de comemorações dos 500 Anos do Descobrimento do Brasil e contou com a assessoria de dois lingüistas ligados à USP - que se empenharam em resgatar a língua falada pelos tupinambás à época do Descobrimento -, mostrando uma impecável reconstituição histórica de uma vila e de uma aldeia indígena, bem como do figurino do século XVI. Ao contrário do filme *Como era gostoso o meu francês* (1971), de Nelson Pereira dos Santos, que se vale de informações de outro viajante da mesma época, o francês Jean de Léry, a produção de Luiz Alberto Pereira segue literalmente o diário do viajante alemão sobre sua

estadia no Brasil e seu aprisionamento até a sua ardilosa fuga. O livro *Duas viagens ao Brasil*, de Hans Staden, foi publicado no século XVI, reeditado em fins do século XIX na Alemanha e traduzido no início do século XX no Brasil, e contribuiu significativamente para difundir a polêmica em torno do tema da antropofagia. A antropofagia no filme *Hans Staden* é vista de maneira semelhante à descrita pelo livro do viajante europeu e traz a imagem de terror e de medo que caracterizavam o imaginário do civilizado em relação ao nativo e que justificativa plenamente a conquista e a catequização. Na produção de Luís Alberto, o alemão exerce um poder tão grande sobre os índios que é capaz de garantir não só a sua fuga como a de outros prisioneiros, enquanto que na de Nelson Pereira dos Santos o prisioneiro será executado em um ritual de antropofagia. Uma análise comparativa entre as propostas dos dois autores, inseridos em contextos políticos tão distintos e influenciados por perspectivas historiográficas igualmente tão diversas, pode nos ajudar a desvendar quais as imagens de índios e de colonizadores que procuraram difundir.

Perfil Popular

Adão Antônio de Carvalho

A nova editoria da revista IHU On-Line descreve o perfil popular de alguém que, mesmo não vivendo no mundo acadêmico, sempre tem o que ensinar. Contaremos aqui a história de vida e a visão de mundo de pessoas que lutam pela sobrevivência e pela dignidade e que, apesar das dificuldades, têm sonhos e anseios de uma vida melhor.



No próximo dia 24, Adão Antônio de Carvalho completará 54 anos. Oriundo do interior de Montenegro, chegou a São Leopoldo em 1976, para trabalhar na indústria do alumínio. Na Amadeu Rossi¹⁰⁷ teve seu começo, seguindo para o Alumínio Econômico¹⁰⁸, onde encontrou sua oportunidade até a crise da indústria. “Os funcionários antigos do Alumínio torciam pra aquilo continuar. Quando veio o fechamento da firma, nós, os funcionários antigos, iniciamos uma cooperativa.”

Crise - Uma saída para a crise, a Cooperativa de Produção Cristo Rei iniciou suas atividades, produzindo todo o tipo de produtos. “Panela, panelão, tudo de alumínio, doméstico, industrial, linha luxo, tudo o que precisar para dentro de casa. Nossa batalha é essa: continuar para dar mais emprego, porque em São Leopoldo, nos últimos anos, aconteceu o

¹⁰⁷ Amadeu Rossi: fábrica de armas, localizada em São Leopoldo, Rio Gande do Sul. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁰⁸ Alumínio Econômico: importante fábrica de alumínio da Vale dos Sinos, fundada em 1929, faliu em 2001. (Nota da *IHU On-Line*)

fechamento de muitas empresas, e muita gente ficou na rua. Por que vocês acham que aumentou tanto o número de camelôs, trazendo coisas do Paraguai pra vender? Por causa do fechamento das empresas. O povo tem que sobreviver, aí ele procura um jeito. Claro, o país perde muito nesse lado, o setor lojista, as empresas maiores. Porque roda muito frio, sem nota, sem nada.”

Para Adão, a fé no negócio foi e é muito importante para a qualidade do trabalho. “Nós vamos batalhar por aquilo. Graças a Deus estamos bem.” Ele explica que o objetivo do trabalho não é alcançar a riqueza, e sim manter o que tem, trabalhando honestamente.

Apoio - No campo da política, Adão é enfático no que diz respeito às pequenas empresas. “Política é assim: político gosta muito de ir para a televisão. Não é esse partido, nem o outro. São todos. Dizem que vão dar apoio pras microempresas, mas se nós entramos num banco pedindo dinheiro para governo para tocar um serviço, enquanto não pagar ele tu tá ferrado.”

Infância - Adão conta que cresceu em uma família grande, de sete irmãos, onde tinha grande convivência com os avós paternos e maternos. “A gente dependia da lavoura, da mandioca. Tinha momentos ruins. Às vezes, o ‘pau’ pegava. Mas momentos bons também tinha bastante.”

A criação da cooperativa - Relembrando os tempos de dificuldade, Adão fala sobre a idéia da cooperativa. Os funcionários, já em idade avançada para o que o mercado de trabalho exigia, não encontravam emprego depois do fechamento da Alumínio Econômico. “Nós pensamos nas nossas famílias. Claro, o nosso nível de estudo nunca foi alto. Poucos ‘mataram’ o segundo grau. A maioria fez só o primeiro grau e muitas vezes nem é completo.” A cooperativa cresceu ao longo dos seus seis anos de existência, contando hoje com 31 sócios e 12 representantes no estado, somando no total em torno de 80 pessoas envolvidas no trabalho.

Início - O início difícil da microempresa é lembrado entre risos hoje por Adão. “Quando nós começamos aquilo ali, a gente não tinha dinheiro nem para comprar um quilo de arroz. A gente comprava carcaça de galinha para fazer nosso almoço de meio-dia.” Mas ele não esquece do apoio de quem os ajudou na fase ruim. Dona Ilse, que trabalhou com a empresa no início, foi quem forneceu o capital para a empresa começar. “O troço foi custoso. A nossa mercadoria atinge um mercado muito pequeno. Os mercados de vila têm muito mercado que compra para revender. É complicado falar para as pessoas que elas vão ter que passar o mês com 70 ‘pila’. Principalmente esse pessoal que está sem dinheiro, que tem família”.

Continuidade - Adão acredita que a empresa está ganhando espaço no mercado, depois da experiência acumulada ao longo dos anos. “Cada vez mais a nossa marca é mais forte.”

O dia-a-dia na cooperativa - Adão trabalha, no dia-a-dia, com o despacho das mercadorias, mas sempre disposto a ajudar os outros em diversos setores, sempre com muito bom-humor. “Meu dia-a-dia é bom. Às vezes, a gente se irrita um pouco, quando a mente da gente passa da medida. É cheio de altos e baixos.”

Família - Adão é casado há 28 anos e tem uma filha que cursa Recursos Humanos na Unisinos. Ele garante que a vida em família é uma beleza. “Tem época que sou caseiro. E tem época que eu gosto bastante de ir nos bailes.” Ele leva a vida de maneira leve, valorizando a família e as amizades. “Não sou pessimista. Tem as incomodaçõezinhas, mas depois passa.”

Política e Brasil - “A nota do Lula que eu dou é seis, que é acima do meio. Dez não dá para se dar, porque tem algumas coisas meio ruins.” Adão é enfático no momento em que fala da situação do Brasil. Para ele, faltam investimentos em muitas áreas, tanto no âmbito nacional quanto no estadual. “Falta dar mais força para as empresas virem para os estados.” Ele ainda aponta o desemprego como o fator principal a ser resolvido, atribuindo esse motivo ao crescimento das cooperativas. “Eles tinham que dar uma prioridade ao pessoal de 45, 50 anos que não se aposenta e está ali, na beira da porta esperando o chamado para um serviço.”

Planos- Adão almeja o crescimento do negócio, pleiteando apoio com o governo estadual. Para ele, a honestidade com que trabalham é um trunfo para obter a ajuda. “Sempre pagamos nossos impostos, tudo direitinho. Se a gente não tivesse formado a cooperativa, aquele prédio onde trabalhamos, aquelas máquinas, já tinha ido tudo pro ferro velho, já tinha consumido todo o dinheiro.”

IHU REPÓRTER

Larissa Braga Lara

Larissa Braga é uma mulher que impressiona. Com muita garra, conquistou tudo o que queria em sua vida, passando por diversos obstáculos, desde a infância. Larissa estudou no Magistério e fez Publicidade, mas foi no Secretariado que encontrou seu caminho. Aos 38 anos, tem uma família que adora e ainda encontra tempo para sua segunda família, a do PEI. No projeto, é o braço direito de todos, convivendo com o que mais gosta: a profissão de Secretária, as crianças e colegas de trabalho. Conheça um pouco mais desta funcionária da Unisinos na entrevista a seguir.

Origens - Nasci em Porto Alegre. Tenho 38 anos e sou do signo de escorpião com ascendente em câncer, elemento água, puro sentimento.

Família - Meus pais se separaram quando eu tinha sete anos. Minha mãe trabalhava durante o dia e estudava a noite o curso de Direito na Unisinos, então eu e meu irmão fomos morar com meus avós. Fiquei com eles até eu completar 18 anos. Meus avós sempre foram minhas referências.

Infância - Fui criada junto com um tio; nós tínhamos apenas dois anos de diferença. Era como se ele fosse meu irmão, brincávamos e brigávamos o tempo todo. Ele me chamava de manteiga derretida, pois eu era muito chorona. Desde pequena costumava ir para a casa de meus avós, pois minha mãe precisava trabalhar. Eu sentia falta dela, então eu sentava na porta para não deixá-la sair, mas ela pulava a janela para poder ir trabalhar. Hoje isso é bem engraçado. Da relação com



meu irmão não me lembro muito porque ele era bebê. Hoje, somos bastante unidos e, também, tenho um outro irmão, do segundo casamento de minha mãe. Adoro meus irmãos, nós três começamos com Publicidade. O Lessandro agora está na Educação Física e o José na Música.

Obstáculo - Minha avó faleceu quando eu tinha 18 anos. Foi uma perda difícil. Logo depois, meu avô casou novamente. Eu nunca tinha visto meus avós namorando, então estranhei aquela nova situação. Diante disso, saí de casa e fui morar com uma tia. Senti necessidade de respeitar o espaço de meu avô. Na casa da minha tia fui muito bem acolhida, lá havia mais seis primos. Fiquei com uma baita família. Minha mãe havia se casado de novo e meu irmão foi morar com eles, pois era muito pequeno.

Estudos - Cursei o Ensino Fundamental no Colégio Nossa Senhora das Dores, no centro de Porto Alegre.

Quando me formei, minha mãe insistiu que eu fizesse o Ensino Médio em um colégio de ensino técnico, pois ela havia cursado o ensino médio técnico em contabilidade e achava importante sair do segundo grau com uma profissão. Não era o que eu queria. Eu ansiava por estudar no Colégio Rosário, porque saindo de lá se passava em qualquer vestibular. Mas minha mãe decidiu, então fui fazer o Magistério no colégio estadual em frente à escola da Brigada, onde meu tio estudava, assim ele poderia cuidar de mim. No início foi difícil, mas depois acabei me interessando pela educação.

Estágio - Fiz o estágio no Magistério, mas essas experiências me tiraram a vontade de continuar na profissão. Primeiro foi um prática no Hospital São Pedro, com crianças. Choquei-me com a maneira como os funcionários lidavam com a situação. O estágio foi com uma turma de classe especial de primeira série, com muitas crianças repetentes. Nessa época, não havia muita supervisão, tinha que me virar sozinha. Fiquei decepcionada em como a escola não se empenhava com as crianças. Toda aquela ânsia e vontade de trabalhar nessa área foi-se apagando. Eu até pensei em estudar Pedagogia, dando continuidade aos estudos desse campo, mas, com o desinteresse, optei por outros caminhos.

Publicidade - Meu primo cursava Educação Física e eu interessei-me pelo curso. Na época, o lugar que era escolhido para cursar era o IPA, mas lá tinha teste prático e eu não sabia nadar. Fui do mesmo jeito, acabei sendo reprovada em razão da natação. A minha segunda opção era cursar Publicidade na Unisinos. Quando cheguei aqui, fiquei um pouco impressionada com o tamanho do lugar e com a variedade de pessoas que freqüentava o câmpus. Nessa época, existia o curso básico, cursava-se História, Matemática, Inglês, EPB e outras disciplinas, antes de se entrar no curso

propriamente dito. Dizíamos que o efetivo vestibular da Universidade estava no curso básico.

Primeiro filho - Estava namorando e, aos 20 anos, fiquei grávida do meu primeiro filho, Jéssica. Eu queria muito ter uma família, estávamos muito apaixonados, então fomos morar juntos. Resolvemos que iríamos ter o bebê, que foi muito amado por todos. Durante esse tempo, eu e ele ainda estudávamos e resolvemos fazer um acordo: ele continuaria estudando e quando a Jéssica ficasse mais velha, eu voltaria a estudar. Depois de quatro anos juntos, acabamos nos separando.

Retorno - Mesmo com a separação e trabalhando, voltei a estudar Publicidade. A avó paterna da minha filha cuidava dela enquanto eu estudava. Eu me sentia muito culpada por não estar com ela, foi ficando difícil, então voltei e saí do curso diversas vezes.

Nova Chance - Quando minha filha tinha seis anos, conheci meu segundo marido. Todos fomos morar juntos. Conheci-o quando trabalhava em uma loja no shopping, pois ele trabalhava na loja em frente a minha. Foi uma fase muito bonita. Ele veio de uma família na qual desde pequeno se tinha que batalhar muito para atingir o que se queria. Em Porto Alegre, ele cresceu rapidamente na profissão, conheceu novos amigos e acabou tendo problemas sérios com dependência química. Depois de algum tempo, quando estávamos em uma fase turbulenta do relacionamento, acabamos nos separando por necessidade. Ele voltou para Santa Catarina e fiquei em Porto Alegre. Nos víamos em alguns finais de semana.

Obstáculo 2 - Engravidei do meu segundo filho, Lucas, antes de seu pai passar por esses problemas. Ele acabou falecendo quando nosso filho tinha um ano. Entrei em uma fase muito ruim, fiquei muito triste, com depressão profunda. Minha mãe me ajudou nessa fase; foi quando

nos aproximamos ainda mais, pois ela estava bastante preocupada comigo e o bem-estar dos meus filhos. Fiz alguns tratamentos e consegui me reerguer. Novamente, minha mãe me incentivou a voltar a estudar. Ela me apoiou muito nesse momento, agradei muito a ela na minha formatura.

Secretariado - Achei que voltar para a Publicidade exigiria muito do meu tempo. Analisei muitos cursos e optei pelo Secretariado Executivo. Nessa época, eu não trabalhava, e durante uma aula percebi que quase todas minhas colegas já trabalhavam. Em uma conversa com a minha professora na disciplina de Ética, ela disse que eu tinha que trabalhar para saber se era mesmo esse o meu caminho. Nessa conversa, ela me ofereceu um estágio. Foi então que comecei no PEI. Conteí mais ainda com o apoio de minha mãe, pois estudar, trabalhar, cuidar da casa e de dois filhos sozinha não é tarefa fácil. Meu TCC falou em torno disso: o tempo de lazer de trabalho das secretárias com filhos. Aliás, as mulheres sempre estão se ajudando mutuamente no público e no privado. Não foi diferente comigo, minha mãe está sempre presente.

PEI - Fiz uma entrevista com a coordenadora do PEI na época, e, logo no primeiro encontro, percebemos uma afinidade muito forte, então fui selecionada. Eu adoro trabalhar no PEI, pois aqui encontrei muitas coisas que gosto. Tem a área da Educação Física, da Pedagogia, da Comunicação. Eu gosto muito de crianças, e no projeto tenho a oportunidade de trabalhar com elas. Eu já havia trabalhado como professora de Jardim de Infância e gostava muito, brincava, ensinava e aprendia muito com elas. No PEI, mesmo trabalhando na secretaria, estou sempre perto das crianças, das famílias, dos acadêmicos. É um trabalho muito gratificante.

Trabalho - Depois de dois anos de estágio, a atual coordenadora, Suzana, buscou junto à Unisinos e ao

Instituto Ayrton Senna a minha efetivação. Eu aprendo muito trabalhando no PEI, tanto questões humanas quanto profissionais. Hoje, sou uma secretária executiva com um diferencial, pois atuar em projeto social nos dá uma formação integral, possibilitando uma mediação e articulação com diferentes comunidades.

Livro- Atualmente estou lendo *Amor Líquido*, de Zygmunt Bauman. Zygmunt é um sociólogo que investiga muito as questões das relações humanas. Neste livro ele faz um alerta e algumas tristes constatações. Às vezes, vivemos na "correria" e não nos damos conta de várias coisas. Quando paramos e lemos textos assim, a realidade nos aparece sem véus. Interessante.

Filme - Adorei os filmes *Efeito Borboleta*, *Matrix*, *O iluminado*, *O fabuloso destino de Amélie Poulain*; poderia citar vários. Adoro todos os tipos, do terror ao água com açúcar. Acho que podemos aprender sempre, tirar o que há de bom de todos. Adoro muito os desenhos: *Shreck*, *A era do gelo*, *Procurando Nemo*, *Monstros S.A.* Assistimos com as crianças, mas eles caem bem para todas as idades.

Sonho - Sonhos são aqueles que podem se realizar, então o que mais quero é ver meus filhos com uma crescente consciência para o mundo, onde tenham ética, responsabilidade, cidadania e política. Que saibam ser críticos e coerentes. Ah, tudo o que os pais querem para seus filhos. Claro, amor, saúde e realização... Para mim? Meu sonho é de ter uma casa com grama, muito verde, horta, segurança.

Horas Livres - Bem, agora estou com algumas horinhas livres. Como me formeí em fevereiro, não tenho mais a preocupação com aula, trabalho, leitura, TCC. Agora estou me dedicando mais aos meus filhos, pois eles

estavam ansiosos por terem a "mamãe" mais tempo em casa. Mais adiante, quero fazer uma especialização e um curso de teatro. Mas, ainda neste semestre, quero retomar o curso de inglês e a academia: "*mens sana in corpore sano*".

Brasil - Nosso país é tão rico e, ao mesmo tempo, tão carente de tantas coisas. Precisamos estar conscientes de que tudo isso que está acontecendo hoje é resultado de ontem e de hoje. Para que as coisas comecem a se modificar, precisamos melhorar o hoje, pelo menos. Começando por nós e nossas crianças. Falo em relação à política, meio ambiente, tudo mesmo. Nada do que fazemos deixa de ter uma consequência. Se continuarmos a pensar em nossos próprios umbigos e deixando o "resto" de lado, como fica? O resto faz parte da gente, sim. Não podemos assistir a tudo imóveis e nem sair brigando aos quatro cantos. Precisamos é ter consciência e educar nossas crianças para o futuro com um ideal de saber que somos parte de um todo e tudo que fazemos repercutirá de alguma forma. Saber pensar sobre as coisas, argumentar e aprender a melhorar sempre.

Unisinos - Desde meu primeiro encontro com a Unisinos, senti-me integrando um espaço que tem um potencial enorme, onde existem oportunidades e ofertas para todos. Algumas pessoas saem da vida acadêmica sem explorar tudo isso que a universidade oferece. Sempre tive orgulho de fazer parte desse lugar, desde acadêmica, estagiária e funcionária. As pessoas têm feito críticas quanto às mudanças que vêm ocorrendo, mas este é um efeito normal quando passamos por isso. As mudanças vêm e mexem com tudo. Ficamos assustados, mas temos que continuar trabalhando, melhorando, crescendo e buscando estar inserido neste lugar com satisfação. Não dá para trabalhar estando infeliz. Quem consegue produzir alguma coisa com insatisfação?

IHU - Acredito que o IHU tem um espaço muito importante na Universidade. A revista é de primeiríssima qualidade, com conteúdo mesmo. A programação do IHU também é de um caráter potencialmente cultural e educativo. Parabéns a todos do IHU!